

LEI TURA LEIROSAS

2026

O LIVRO MAIS PEQUENO DO MUNDO

Rui Peleção com Aya, Fatima, Ferdaous, Micael, Alex, Salvador e Maria Luísa

Quero Ser Mais, Tortosendo

Ilustração de Marta Nunes

Gosto de escutar conversas – estar de orelha à coca. As pessoas dizem que eu sou um cusco. É verdade.

Sabiam que os humanos não mexem as orelhas como os animais porque perderam essa capacidade ao longo da evolução?

Os humanos falam muito, mas são meio surdos. Só ouvem o que lhes interessa, e mal. Aprendi isso num livro da escola chamado *Porquê?*. Em contrapartida, os animais não falam, a não ser nas fábulas de La Fontaine, mas escutam e são capazes de rodar as orelhas e mexê-las em todas as direções, como uma antena. Sabem ouvir.

Hoje está a primeira noite de calor do ano. Junho está a chegar, e com ele os ventos que trazem o calor de África, do deserto do Sahara. Hoje há caracóis. Gosto muito de caracóis, de chupar como um *artista* de circo a casquinha em espiral com sal.

Estou aqui, refastelado, na esplanada do Quiosque da Vila, no Tortosendo, e escuto as conversas. As conversas ao telemóvel...

A advogada diz que precisa da tua morada ... para te ajudar. Não tens a morada, vais ter ordem de captura, chefe, queres que te diga o quê? Fugiste, ainda te vais foder à grande.

Tenho *saudade* do tempo em que as pessoas falavam umas com as outras nas esplanadas enquanto sorviam caracóis. Agora, a esplanada do Quiosque da Vila é uma jaula de solitários a falarem ao telemóvel em voz alta.

Há um jovem casal, calado, a beber café, estão impecavelmente vestidos, mas despidos sem o seu telemóvel. Estão em silêncio e de olhar de aquário. Acho que preferiam não estar aqui, nem um com o outro. Não sei.

Há um senhor que está sentado a fumar e a ver vídeos pornográficos enquanto bebe uma cerveja já choca, com um mosquito que esperneia a afogar-se.

Uma mulher de vestido florido como a primavera passa por ele, com uma cauda de perfume forte e insinuante, e ele nem levanta a cabeça.

Talvez não seja uma mulher. Tem um andar um pouco masculino. Talvez seja um travesti, não interessa. O perfume é horrível, quase anestésico.

Por momentos, fecho os olhos e inspiro o vento viajante de África e aquele perfume *patchouli* de aroma intenso, terroso e quente, extraído de uma planta tropical asiática chamada *Pogostemon cablin*.

Aprendi isto na internet, não num livro, porque eu não gosto de ler.

A minha cabeça fica em silêncio quando leio.

Tudo o que aprendi foi na universidade da vida ou nos meus sonhos.

A partir daqui, o leitor, caso o haja, terá de confiar nas suas orelhas e saber se o que se conta é um sonho ou é a vida. Se é um filme ou um livro. Um livro não pode ser porque eu não gosto de ler. Não tem *action*.

Luzes, câmara, *action*:

Conheça-nos: A vida por vezes é bela, Maria Miguel. A vida é diferente. Tá doendo, amor. As árvores devem ser bem tratadas. Uma árvore não é apenas ramos e folhas, é uma melodia suave criada pelo vento, e o seu som traz-me paz.

Havia uma mulher menina, numa pequena cidade em Marrocos, que tinha lido todos os livros do mundo e que guardava palavras secretas numa caixa, ou numa tagine aromática, como um tesouro.

O tesouro das palavras perdidas no deserto primordial e que apenas eram sopradas pelo vento do Sahara, que os antigos chamavam siroco, e que levava consigo a loucura, a inquietação, a melancolia, a febre, a violência, o desejo.

Um vento que carrega em si toda a poesia do mundo.

As folhas das árvores mãe-sombra do Quiosque da Vila agitam-se com o baque seco dos cascos de um cavalo branco. Um cavalo árabe que cruzou as areias do deserto e guiado pelas estrelas cavalgou o mundo, cruzou o mar Mediterrâneo e chegou, resfolgante, à esplanada do Quiosque da Vila do Tortosendo.

Somos todos viajantes, mesmo quando estamos parados.

Montando naquele magnífico cavalo branco vinha um cavaleiro envolto num *burnous* cor de areia, comprido e gasto pelo sal e pelo deserto. O tecido cheirava a poeira quente, couro antigo e hortelã esmagada. No peito, bordada a fio verde, havia uma palavra árabe que eu não sabia ler, mas que reconheci imediatamente: أمل – *amal* – *esperança*.

O berbere sentou-se com majestade, pediu um *thé à la menthe* e falou comigo, talvez em sonhos.
Procuro três princesas berberes que vivem no Tortosendo e com elas a sua tribo de esperança e de música. Chamo-me Zendo e sou um homem livre, não um homem torto.

Mostrou-me uma carta, que era um conto:

Amei-te duas vezes:

Ela viveu uma vida simples e tranquila, cheia de alegria com a sua família e amigas. Os seus dias eram cheios de risos e momentos felizes, e ela nunca imaginou que a sua vida mudaria um dia.

Com o passar do tempo, a sua família decidiu mudar-se para os Estados Unidos.

O começo foi difícil... uma nova língua, uma nova escola e um sentimento constante de solidão. Às vezes, ela sentia-se perdida, e em casa nem sempre havia paz.

Mas Maryam tentou ser forte.

Um dia, enquanto falava com uma amiga em Marrocos, alguém enviou uma foto.

Maryam abriu, sem interesse... mas parou, de repente.

Havia um rapaz na foto, ao lado de Reda.

Wasim.

Ela sentiu algo estranho no seu coração... como se o seu coração batesse mais rápido, sem razão.

Naquela noite, não conseguiu esquecê-lo.

Procurou-o no Instagram e começou a segui-lo. #

Eu disse ao cavaleiro que nada sabia de mouras encantadas. Sou um simples cão chamado Soneca que não gosta de ler. Gosto apenas de ouvir ou de cantar num *microfone sem cantor*.

O berbere encolheu os ombros e pediu um prato de caracóis.

Disse-me – queres jogar ao Uno?

O Uno é um jogo belo porque conhecemos o significado da derrota e conhecemos a beleza da vitória.

Nisto, passou um velho que assedia crianças no Tortosendo e mordeu-me com força. Ele ganiu de dor e isso soube-me bem.

As três princesas berberes – Aya, Fatima e Ferdaous (o mais alto jardim do paraíso islâmico) e os amigos apareceram na esplanada, rindo e cantando. «Na nossa terra, crianças felizes, belas e saudáveis, cheias de felicidade.»

- Antónia dançava e ria.

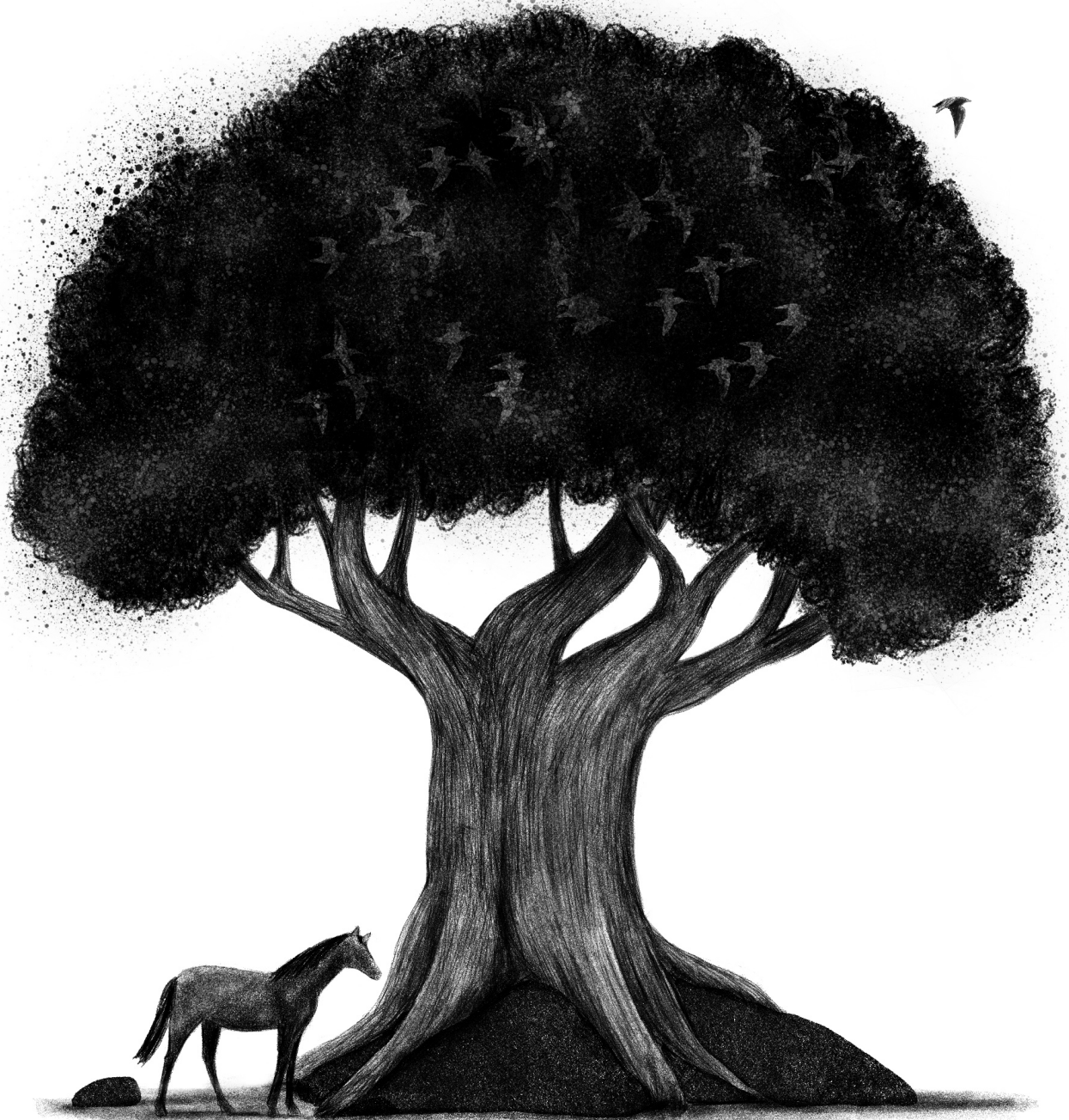
- Salvador corria à volta da escola e no campo pelado a tentar bater o seu próprio tempo, só parando para comer bolachas.

- Maria soltava uma lágrima que parecia um mar triste, iluminado pelos seus olhos castanhos, meigos de futuro, como os meus azuis, cansados de passado.

Juntos abrimos a caixa das palavras secretas, que cheirava a tagine.

Só lá estava um pequeno grão de sal que dizia – «Pequeno, mas útil.»

Era o livro mais pequeno do mundo. Um que eu conseguia ler.



NÃO HÁ PAPEL ONDE CAIBAM

Jacinto Lucas Pires com Teresa Silva, Alice Cerineu, Filomena de Sousa Ganho, Mafalda Pinto, Conceição Finuras, Maria José Finuras e Ana Finuras Pinto

Associação dos Moradores do Condado

Ilustração de Emma Andretti

Não há papel onde caibam as vidas das mulheres da Associação de Moradores do Condado, era melhor uma peça de teatro. Até calhava bem, que a Maria sempre quis ser atriz, o pai é que não deixou. Eram outros tempos e ele era muito, como é que se diz?, conservador. O pai da Teresa abandonou a família em Lourenço Marques e ela foi servir. Depois casou, veio com o marido antes do 25 de Abril. Sentiram que alguma coisa estava para acontecer. A Filomena veio de Angola pouco depois, com 18 anos. Lembra-se da viagem no barco de guerra e das ondas, das ondas. A Conceição é irmã da Maria, vieram as duas de Viana do Alentejo. O pai era sapateiro e a mãe camponesa. Um irmão veio trabalhar para a funerária Salgado, destes Salgados do banco. A Alice diz que não é das Maravilhas, é do País das Desgraças, mas é brincadeira. Ela é mas é de Castro de Aire. Trabalhava numa fábrica de salsichas. Dantes tinha fúrias no sono, mas agora toma uns comprimidos. As fúrias até podiam ficar bem na Leitura Furiosa, não era? Pá-pá-pá. A Mafalda lembra-se de deslizar numa esferovite pela Azinhaga das Teresinhas. «A minha avó, no fim... pá-pá-pá!», diz, com a mão aberta, a rir-se. Gostava muito dos avós, com quem viveu até aos 12 anos. A mãe era cozinheira em casa do Marcello Caetano, que gostava muito de arroz à valenciana. «Eu queria ter sido professora de História», diz a Conceição. «Nós temos uma História linda!», diz a Alice do País das Desgraças. A Maria conta que, dantes, por ser pobre, viam-na como filha da puta, mas agora não, agora é a Dona Maria. «As nossas vidas», diz, «eram vidinhas de cão». Se isto fosse teatro, podia haver uma cena com a Filomena a ver as ondas de África na Rua da Madalena. E outra com a Teresa a fazer música com os ossos dos joelhos que fazem trrrã-trrrã. E podia haver um monólogo da Ana, que é filha da Maria e trabalha na Segurança Social das Laranjeiras. Com este governo, quem não tem título de residência não tem direito ao abono, de maneira que há muito mais gente nas filas e muito mais gente a quem dizer não, é muito difícil. O mundo podia aprender qualquer coisa com esta Associação. Aqui as mulheres tomaram o poder e as coisas mudaram. Durante a pandemia, houve sopa, arroz-doce e máscaras levadas à porta; agora há zumba, informática e excursões. As excursões da Associação também podiam dar uma boa peça. A cena nas Fragas de São Simão, por exemplo, em que a personagem que fez pouco da Mafalda, quando esta caiu, acaba por levar com a porta nas trombas. Ou o momento da chegada a Viana do Alentejo quando as excursionistas são recebidas pelas eternas vozes do cante. Um sonho da Maria era criar um grupo de cante para mulheres. Dantes, no Alentejo, as mulheres só cantavam no campo, para disfarçar a vida dura. Um grupo de cante feminino no Condado seria a prova de que podemos melhorar o mundo, sim.



AQUI, NINGUÉM CHORA

Paulo Faria com Bouba, Ilia, Loukouri, Saída, Ting Ting, Xiao

Conselho Português de Refugiados

Ilustração de Pierre Pratt

São refugiados. Ou melhor, precisam de refúgio.

Refúgio. Substantivo masculino. Espaço físico que oferece condições de segurança ou estabilidade. Sinónimos: abrigo, asilo, retiro. Em sentido figurado: amparo, auxílio, protecção, socorro.

Bouba: «Na minha terra, o clima permite viver vinte e quatro horas por dia em contacto com a natureza, durante todo o ano. Aqui, na Europa, o frio só permite viver seis horas, oito horas por dia ao ar livre.»

Saída: «Nunca irei regressar à minha terra. Abandonei o meu país para sempre. País? Pais? Como se diz? Qual é a diferença?»

Ting Ting: «Não me sinto segura na minha terra.»

Xiao: «Se pudesse voltar à minha cidade, a primeira coisa que faria era caminhar calmamente pelas ruas.»

Loukouri: «Nunca andei na escola. A dança é para mim uma terapia. A dança foi a minha escola.»

Ilia: «Eu era soldador. Não quis ser soldado. Não quis fazer a guerra.

Estou a aprender português.

Colher.

Mulher.

Mesa.

Cadeira.

Caneta.

Carregador.

Telemóvel.

Computador.

Garrafa.

Preocupado.

Tenho dores de dentes.

Mas não tenho dinheiro para dentista.»

Bouba: «Apanhei o avião para a Europa incógnito. Não pude dizer adeus à minha terra.»

Saída: «A cidade onde eu nasci é muito bonita, mas tem prisões cheias de gente.»

Xiao: «A minha palavra preferida em chinês é “fábula”.»

Ting Ting: «A minha palavra preferida em chinês é “democracia”.»

Ilia: «Quero que uses o meu nome num dos teus romances. Uma capivara chamada Ilia, pode ser?»

Bouba: «Sou dos Camarões e tenho duas vidas.»

Isabel: «Sou professora de Português Língua Estrangeira neste centro. Procuo dar esperança e alegria às pessoas que aqui chegam. Porque coragem já elas têm, caso contrário não estariam aqui.»

Saída: «Na minha vida passada, nasci em Portugal. Assisti a um milagre, um dia contovos. Depois disso, passei a acreditar na reencarnação. A minha vida passada pode ser Portugal.»

Bouba: «Nos Camarões tinha duas mulheres, aqui não tenho nada.»

Loukouri: «Quando voltar à minha terra, a primeira coisa que vou fazer é visitar as crianças e os jovens que tirei da rua, que ensinei a dançar, para ver se estão bem.»

Bouba: «Quando voltar à minha terra, a primeira coisa que vou fazer é visitar a sepultura da minha mãe. Fui preso no dia em que ela ia ser operada.»

Agora eu:

Já muito doente, a minha mãe foi internada em Santa Maria. Da primeira vez que a fui visitar, passei junto à cama dela e não a reconheci. O rosto dela era para mim o rosto de uma desconhecida, como o rosto da Saida, o rosto da Xiao, o rosto da Ting Ting, da primeira vez que as vi. O sofrimento tornara a minha mãe irreconhecível aos meus olhos, aos olhos do filho. Antes de entrar na enfermaria, disse a mim próprio que não podia chorar, que não tinha esse direito, que não a podia afligir. Mas depois chorei, claro. Antes de entrar no Centro de Acolhimento para Refugiados de São João da Talha, disse o mesmo a mim próprio: «Ninguém chora.» E, desta vez, ninguém chorou.



LEITURA FURIOSA E ÀS VEZES ENTEDIANTE

Joana Bértholo com Raquel, Juliana, Sofia, Helena, Laura, Ana, e uma amiga que chegou no final para recomendar Bell Hooks

Chapitô

Ilustração de Dedo Mau

À minha volta, à mesa, estão alunas de diferentes cursos. A vida já lhes mostrou a sua fúria; conhecem o *bullying* e os olhares de lado. Abandonaram lugares onde alguém garantiu que não se sentiriam confortáveis, e foi assim que quase todas ali chegaram. Nesta escola, encontraram um sentido de pertença, e não lhes ocorre estarem zangadas, pelo menos não com a arte. De certa forma, a arte — o circo, a dança, o desenho, a ourivesaria, a moda, mas também as palavras — salvou-as. Elas não leem, mas escrevem. Ou seja, leem-se a si próprias. Colocam-se na página para se tentarem decifrar. Tempos houve em que também liam outras autoras, mas agora pouco, ou nada, e não sabem explicar porquê: falta de tempo, os ecrãs; os livros serem, por vezes, entediantes.

— O mais difícil é começar, mas, se me decido a abrir um livro, posso passar uma noite inteira a ler.

Talvez não precisemos de campanhas de promoção da leitura, apenas de campanhas que motivem as pessoas a abrir livros. Penso na primeira frase de um texto como uma armadilha. Elas deixam claro que ali as palavras são estimadas, como o são as escritoras, (agradeço...) e uma forma longínqua de literatura. Gostam da ideia de um dia lerem mais, mesmo que seja apenas uma ideia.

— Assim não conseguimos reunir fúria suficiente para erguer um texto!, lamento-me eu, a escritora.

E um espetáculo? — propõem. — Somos bailarinas, acrobatas, cenógrafas, temos aqui todos os saberes de palco. Porque não um espetáculo chamado «Leitura Furiosa (e às vezes também entediante)»? De repente, os discursos tímidos transformam-se numa torrente. Todas têm propostas, imagens e ideias de cena, e assim emerge um imaginário completo ligado à leitura. O espetáculo ganha forma na nossa mesa de trabalho:

— Começamos com uma tempestade de folhas.

— Por todos os cantos entram livros com dentes, esganados e enfurecidos.

— As personagens são todas leitoras, mas são leitoras que se esquecem de ler.

— Leitoras que não leem, como facas que não cortam.

— Há uma personagem que é a Leitura. Está aborrecida por não ter leitores.

— Uma das personagens tenta ler, mas escolhe um calhamaço. Quer saber o que acontece no fim, mas não tem paciência para esperar.

— São leitoras impacientes e distraídas!

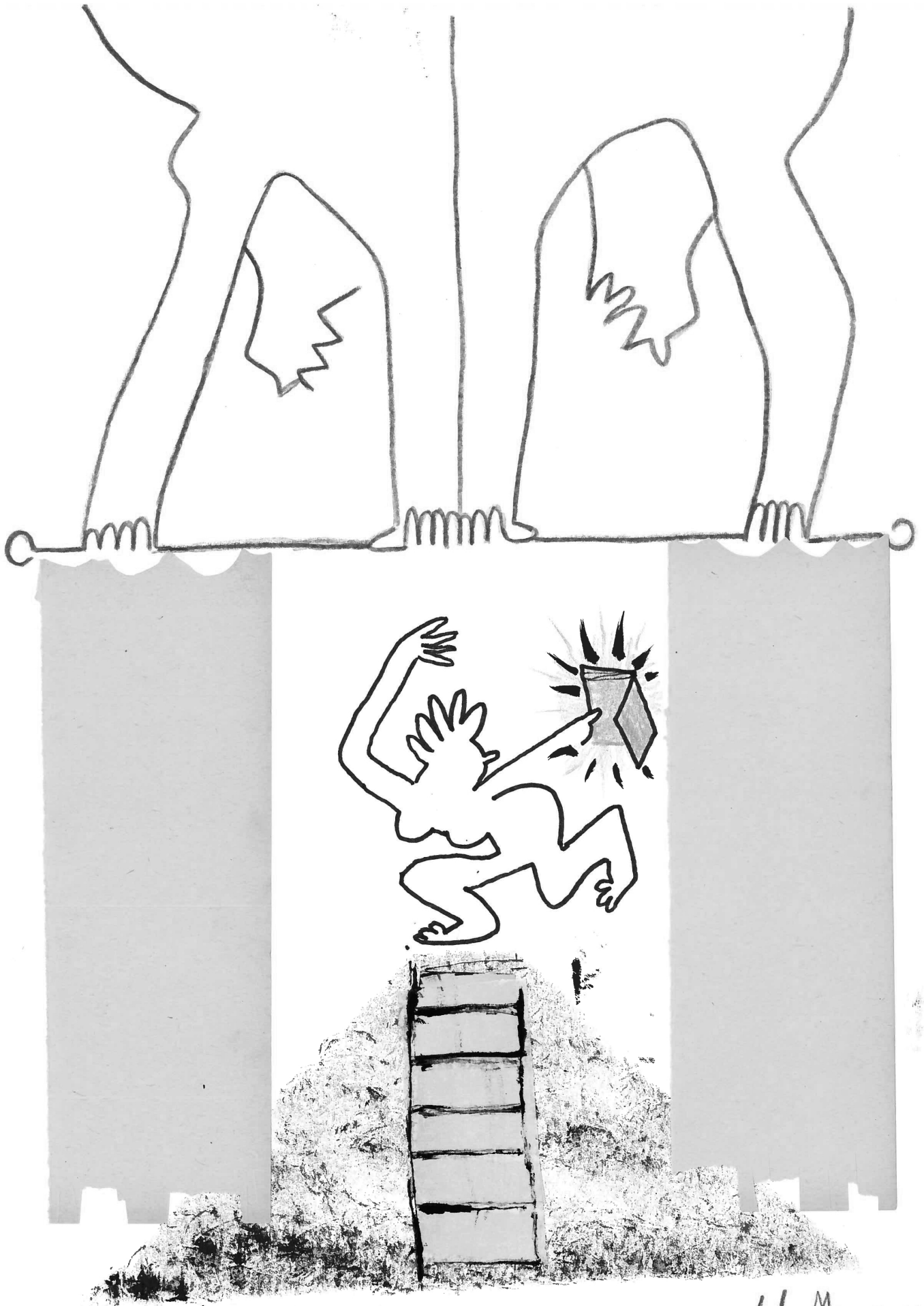
— Também estão furiosas, é verdade, porque as leituras são obrigatórias.

— Ler não pode ser por obrigação, que seca!

— Para mim, este espetáculo é sobre explorar. As personagens não leem porque não sabem que livro ler e, para descobrirem, têm de explorar.

Também surge a ideia das personagens de um livro saltarem para fora e tornarem-se reais, bem como a ideia oposta: alguém ser sugado para dentro de um livro e ter de sentir o que é ser uma personagem de um livro que ninguém lê.

Decidimos por unanimidade que o final será feliz. As leitoras, que no início são personagens cinzentas, ganham cor quando finalmente se interessam por livros. «Afinal não é assim tão mau quanto dizem!», concluirá uma delas. Ler, quer dizer, nem é assim tão mau.



dedo Mau 2026

SOM DO VENTO TRAZ FRESCURA

Nuno Milagre com Elton, Hamadu, Enzo, Hegson, Anderson, Gilson, Marlon e Mamadu

Associação Cultural Moinho da Juventude

Ilustração de Cataestrófica

Eu vi um pirilampo no Pragal, vocês podem não acreditar, mas eu vi um pirilampo no Pragal. Pirilampo só se vê no escuro e quando o tempo começa a ficar quente. Como agora. Porque é que as pessoas têm medo do escuro sabendo que não tem nada de mais? Pelo sim, pelo não, se for para uma ilha deserta levo uma lâmpada; e vais ligar onde? Talvez surja um pirilampo, da família dos lampirídeos, a fazer luz de lâmpada ou luz de pirilampo, no escuro, para não termos medo do escuro que afinal não tem nada de mais, é apenas escuro.

O mais irritante dos adultos é pedir-nos para fazer coisas que eles podem fazer perfeitamente. Eles têm pés, têm pernas, têm cabeça e podem ir onde quiserem e podem fazer o que quiserem. Eu estou na cozinha, o meu pai chama-me para eu ir à sala para lhe dar o telecomando que estava ali perto dele. Às vezes chego a casa e a minha mãe está ao telefone, oiço logo, “Ele já vai aí buscar.” Eish! Dou meia-volta, já sei que tenho de voltar a sair de casa para ir fazer o recado. O mais habitual é mandarem ir às compras. Se os adultos podem fazer tudo isso, porque nos chamam para fazer? Se calhar estão cansados.

A minha mãe sai às cinco da manhã, eu acordo e fico a ver desenhos animados até o meu irmão acordar para comermos o mata-bicho juntos.

Cova da Moura, daqui saem muito cedo as nossas mães para irem trabalhar. Saem de casa antes de toda a gente sair de casa para irem limpar as mesas dos escritórios, os vidros dos bancos, o inox das cantinas, os balcões das clínicas, os dourados dos museus, os espelhos dos elevadores, o chão das bibliotecas. Quando forem horas normais, vão limpar as vossas casas. As nossas casas. As nossas mães limpam as vossas casas. As nossas casas.

Gosto do som do vento; o som do vento que leva a brisa fresca pelas tardes quentes como agora, neste terraço na Cova da Moura. Daqui vemos Lisboa, Monsanto, Benfica, Alfragide, Buraça, Amadora, a ilha de Santiago. Se eu fosse para uma ilha deserta levava a minha mãe.



O MOVIMENTO DA SEIVA ELABORADA DAS FOLHAS PARA A RAIZ

Margarida Ferra com Nando Samper, Bentley, Haniela, Rafael Silva e Tuian

Casa Seis – Associação para o Desenvolvimento Comunitário

Ilustração de Margarida Botelho

Relacionar a fotossíntese com o clima da terra é como falar enquanto se joga. Dá.

«Ajuda-me a teletransportar-me»: o que conseguimos fazer com os amigos afinal não é difícil.

Na área das raridades, paga-se com dinheiro da vida real.

Sem fotossíntese não há plantas.

Ao fundo do pátio, pintou-se uma baliza pequena.

Com dois paus faz-se outra em frente.

Também podem ser só os remates à parede.

«Acabaste de chegar. Respira um pouco.»

Estão ali dois buraquinhos onde entram e saem pássaros. É mais fácil ouvi-los do que vê-los.

Já se faz uma sombra à volta, no pátio. Dentro de uma década será maior.

Onde era tudo mato, agora crescem jovens pinheiros mansos.

«Respira lá fora. Lá fora o ar é diferente.»

Depois das palavras, há uma parede cheia de mãos que já não cabem nas marcas que fizeram. Foi preciso uma escada para todas as mãos daquele dia estarem hoje aqui.

Sem plantas não há alimento para os animais.

Montelavarense, Atlético Clube do Cacém, Mira-Sintra, Estrela da Amadora.

Poucos são os que têm campos. Não se consegue jogar na rua.

Quem prefere futsal, não escolhe por ser dentro: é porque se corre menos.

Uma equipa feminina de futebol e um só rapaz que quer dançar.

Uma árvore por cada ano, novas raízes que descem de 25 troncos, mais adiante, no parque urbano.

«Bué longe» é como se diz o que acontece fora daqui. Lá atrás, estão os jogos. Em quase todas as salas, portas que se abrem para jogos. O verão é longuíssimo. No verão vai-se bué longe. E bué mais longe ainda. Podem ser dois dias e três noites. Faz-se tudo e diversas coisas: pular na piscina e o pequeno-almoço que quiserem. Depois, um quadro para carregar imagens do que aconteceu.

«A amizade é meio que o amor que temos com os amigos.»

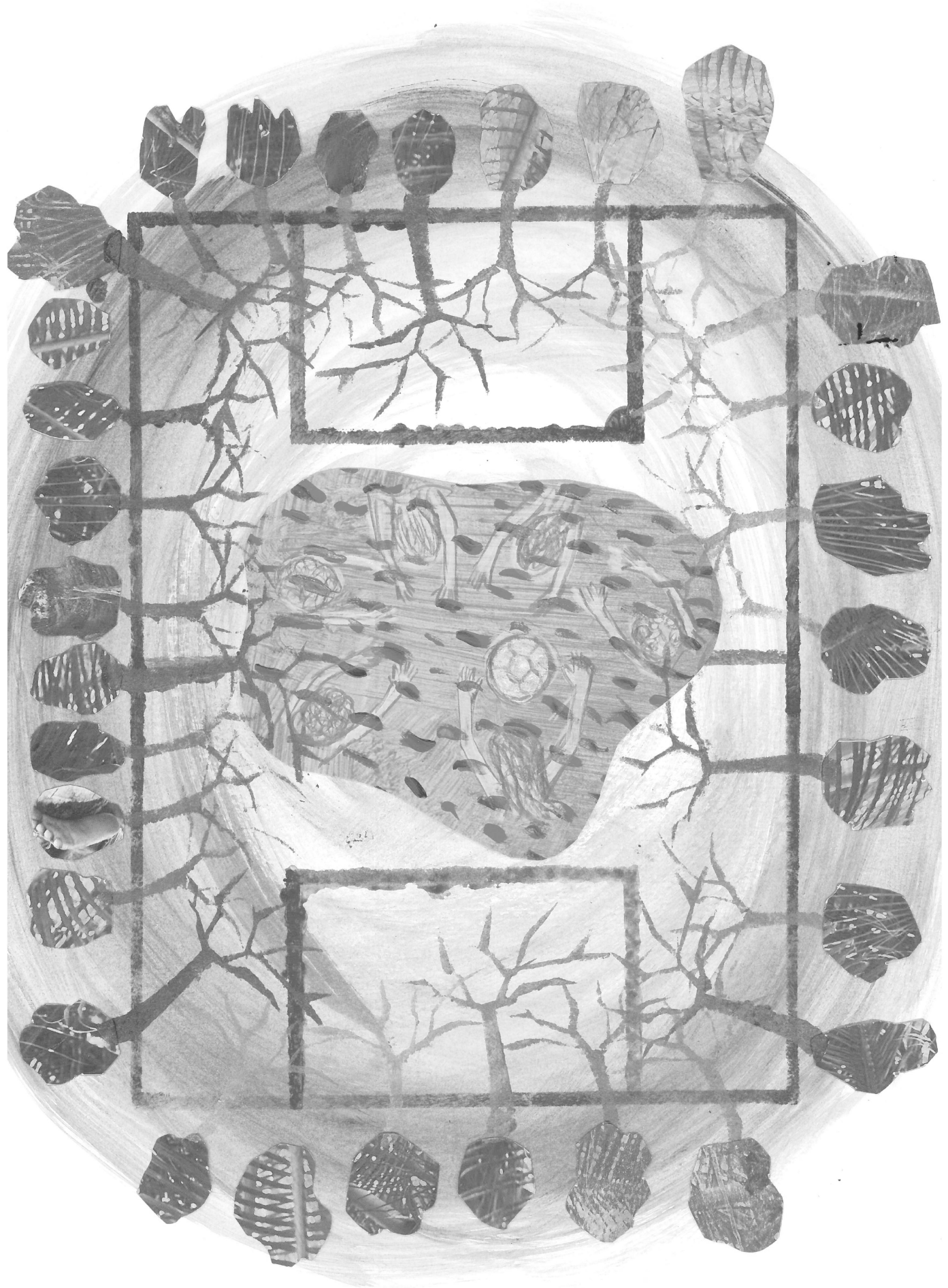
Partes que cabem num coração dividido: Família Casa Seis. Minha cunhada. Brincar. Família e a patinagem. Comida. Macdonald's e a minha mãe. Comboio. Dormir.

Sem alimento, os animais morrem.

Posição preferida: ponta esquerda – velocidade para arrancar e talento para os cruzamentos.

A diversão não acaba, é infinita.

«Venho sempre com felicidade.»
Das raízes para as folhas.



A RUA DOS SONHOS

Ana Torrão com Ana, Martim, Diego, Érica e Joana

Lar-Casa do Menino Jesus, Covilhã

Ilustração de Alexandre Pereira

Hoje, a missão é ir até à Rua dos Sonhos. As casas desta rua têm uma janela e uma porta com um número. Todas guardam um sonho que eu ia descobrir com a ajuda da Marta e do Alexandre.

Porta n.º 1 – truz-truz. Uma menina abre a porta. Ela tem uma história muito longa, mas, aos 16 anos, conseguiu superar muitos medos e cumprir alguns objetivos. Agora está no secundário, é atleta e já ganhou muitos prémios. Fica muitas vezes triste quando vê os outros com a família e os amigos porque, quando era pequena, uma pessoa muito importante a deixou. Gosta de ajudar todos. O seu sonho é ser uma grande atleta.

Porta n.º 3 – truz-truz. A Erica aparece e conta que não gosta de ler e que não gostava de futsal mas, ao longo do tempo, fez conquistas e hoje, com 17 anos, é treinadora de futsal num Clube. Gosta de treinar rapazes. No início, não confiavam nela, mas agora sim. Quando fazem uma jogada mal, pedem-lhe desculpa, mas ela diz-lhes que o importante é aprenderem com os erros. É muitas vezes convidada para explicar as regras do jogo. Consegue tudo isto, em menos de 15 meses. Quer deixar orgulhosa a mãe, que sempre a apoiou! O seu sonho é ser jogadora de futsal.

Porta n.º 42 – truz-truz. Nesta casa vive o Cientista Pacífico, um menino de 8 anos. O seu sonho é ser cientista. No seu laboratório, quer construir a «Máquina do Tempo» e viajar até ao mundo dos dinossauros, no passado e no futuro, e depois a «Máquina Localizadora» com mais botões e uma antena para ir a locais desconhecidos. Um dia, foi ao Mundo dos Teletubbies e fez novos amigos. Para brincar com eles, tinha de ler 1 livro por dia e ele ACEITOU!

Porta n.º 67 – truz-truz. A porta abre e aparece uma bailarina. Gosta muito de dançar Ballet e de se vestir de roxo e branco com muitos brilhos. Tem 10 anos e o seu sonho é ser bailarina! Quer ensaiar com a música de “O Lago dos Cisnes”, que foi ver no Teatro Municipal da Covilhã. Ela quer ser o cisne principal com a saia preta brilhante. Quando saiu do espetáculo, foi ver o reflexo da sua cara no lago e sentiu-se muito bonita. Ela viu o futuro. O seu sonho ia mesmo realizar-se!

Porta n.º 89 – truz-truz. «Eu sou o SPIN!» Mas nós não vemos ninguém! Então ele conta que é o Super-Herói Invisível. Mexe nas cadeiras e prega sustos. Camuflado, envia teias para apanhar vilões. Tem o poder «Black Panther» que destrói coisas más e pode espalmar os livros. Se tivessem 10 palavras, eu lia! Com 11 era mais difícil e com 20! Ui! Mas eu LIA!

Assim, eu, a Marta e o Alexandre chegámos à nossa casa, o n.º 161. Agora temos a chave e já não precisamos bater.

Lá dentro estão a Menina, a Érica, o Cientista Pacífico, a Bailarina e o Super-herói Invisível que têm uma grande surpresa para nós. Todos querem LER!

A Menina leu o seu poema «Viajar».

A Érica leu uma página do seu diário.

O Cientista Pacífico leu uma história fantástica.

A Bailarina quis ler uma história de princesas.

O Super-Herói Invisível leu sobre os animais.

E nós (Marta, Alexandre e Ana) lemos uma história escolhida por eles.

A magia aconteceu. O NOSSO SONHO REALIZOU-SE!



HÁ EXCURSÃO NO BAIRRO

Bernardo Fortuna com Bina, Conceição, Daniela, Eugénia, Isabel, Leonor, Márcia, Maria José, Mercedes, Rafael, São e Sãozinha

Grupo Recreativo Vitória de Santo António, Covilhã

Ilustração de João Rui Calais Frade

Antes de mais, convém esclarecer que tudo o que se segue é verídico (vá, meio-meio).

Era evidente que estávamos em local propício a um lançamento espacial – só o que tinha de se subir até lá acima já ficava a meio caminho da estratosfera. Houve quem se queixasse «Oh, um terreno aqui tão no alto?» – bem, era o que havia. Mas para descolar era preciso alimento de fúria, que sem isso a máquina não anda. Aí é que a porca torce o rabo. A coisa até começou bem, com uma arrelia para saber quem se sentava onde, mas a tripulação, que já era assim mais para o entradota, amainava, dizendo «Antes era arrebizada, agora já sou mais pachona.» E lá se via grego quem tinha de levantar a nave sem combustível.

Perguntou-se sobre livros. Lá havia quem os lesse. Não faltava até quem tivesse sido membro do círculo de leitores, mas a única fúria que se lhes dava era a das raças das letras serem tão miúdas que já nem com lupa lá iam. Depois, alguém trocou as voltas ao tema e falou dos jovens «Os miúdos agora só querem bares e discotecas», mas levou logo troco «Oh, já nem isso, antes fosse». Foi o que bastou para abrir um espacinho à política: «A maneira como eles querem pôr isto é voltar ao antigo. O trabalho que deu ter o feriado no 1.º de Maio e agora põe-se tudo a trabalhar.» Todos concordaram. E assim lá se ganhou energia para arrancar viagem.

Descolou-se, portanto, sem se saber bem em direção ao quê. Para ajudar, estava escuro como o breu, e lanternas nada, que a nave era antiga. Mas era gente desenrascada e fomos todos alumando o caminho com velas nas mãos – com uma atenção dos diabos, não fosse uma delas cair lá em baixo e atear a serra toda.

Oh, o que se passou! Foi-se da Estrela de Santo António até às Sarnadas, e pelo meio ainda levámos um chofre de enxofre a passar na ilha do Pico. O sôr Rafael levava a frente, que é homem talhado para o caminho e conhece as curvas, mas o grupo ia unido! Só a Daniela é que aparecia e desaparecia para deitar o olho ao jogo da bola. Ah, e as irmãs Dinis que se perderam a meio. A Eugénia só se vingava a rezar, mal acabava uma ave-maria já estava noutra. A Leonor rogava pragas às escadas que era preciso subir para voltar à rota – 70 na ida e 70 na volta! A Conceição, que era a mais decana, lá deu com elas e lhes guiou o regresso, mas foi o cabo dos trabalhos – aquilo fez-lhe lembrar as peripécias na fábrica, a operar duas máquinas ao mesmo tempo. Mas desta vez ninguém a melindrou nem lhe chamou comunista.

Estava tudo muito bem, mas fazia-se tarde, e comida nem vê-la. Se a fúria começou a viagem, a fome tirou-lhe a mecha. Parámos a nave no salão das festas e, sorte das sortes, não é que havia casamento? Estava lá tudo, o Bengalas, o Neixa, até a Senhora do Perpétuo Socorro. Quem se casava não se sabe, mas a comida estava encertada, por isso comeu-se e bebeu-se, sem zelo nem vergonha.

De conversa gasta e papo cheio, estava feito o estrago, e ala para casa. A loiça é que ficou toda ao relento. Mas, bem, os pratos também não se constipam.



Enifala

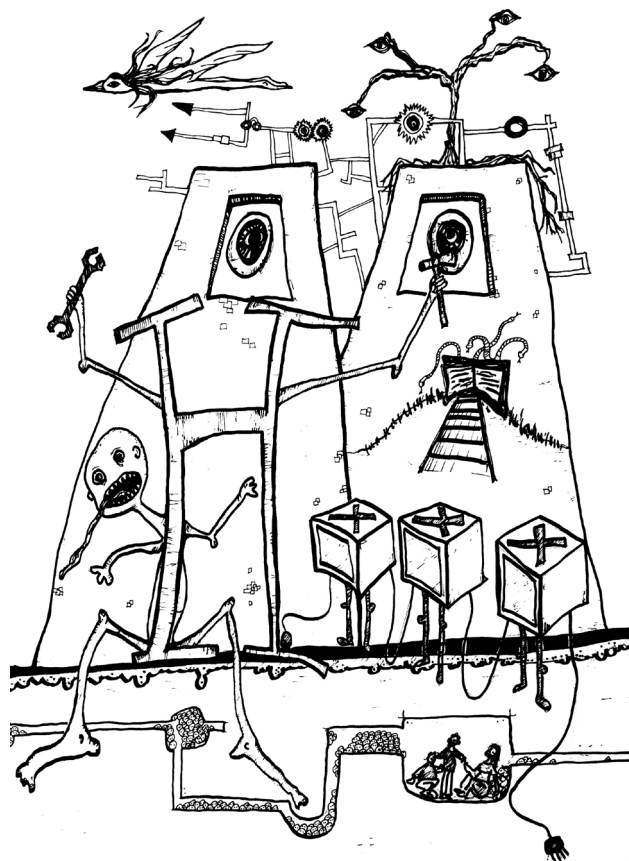
F(R)UT(UR)O PROIBIDO

Saguenail com Cabeças, Conguito, El Bandoleiro, Guilhas, Vds, Daniela e Kate

Centro Educativo Santo António

Ilustração de Kate Falcão

No princípio era o verde. Depois, à medida que lhes deram nomes, os animais. Por fim, o homem e tudo o que começava com um H; a história, a histeria e o horror. O homem não tardou a inventar os deuses e, tomando as divindades como modelos, esforçou-se por imitá-las, a seguir atreveu-se a substituí-las, a fim de escapar à sua condição natural, ou seja, mortal. Moldou e designou consecutivamente criaturas, inferiores a si naturalmente: primeiro escravos, mais tarde operários, por último máquinas programadas. Essa evolução não aconteceu sem atritos e brutalidades: os escravos fugiam, os operários reivindicavam, ousavam mesmo fazer greve, as máquinas avariavam. Foi necessário ensiná-las a consertar as suas próprias avarias. Só que, a partir daí, elas deixaram de precisar dos humanos. As máquinas geravam imagens e mensagens, e organizavam, mais eficazmente do que os homens, a pretensa realidade. E contudo não tinham imaginação e apenas sabiam repetir e expandir o que os homens



lhes tinham anteriormente inculcado. Ignoravam o sentido do conceito «verdade» e submetiam o real ao seu programa. Difundiam continuamente mentiras mas, ao contrário dos seus programadores, sem intenção nem cálculo, por mera rotina e indiferença. Aperfeiçoadas em tempos de empreendimentos militares, instauraram a guerra como estado social permanente e dedicaram-se à desertificação da terra. Quando anunciavam bombardeamentos, punham as populações em fuga e mandavam escavadeiras demolir edifícios para conferir às suas mensagens uma evidência visível. Os humanos refugiaram-se em abrigos subterrâneos e, como se alimentaram de vermes e raízes, encetaram um regresso ao estado animal.

Como se pode viver sem televisão, sem smartphone e sem redes sociais? Todavia, havia loucos – pelo menos dois – que teimavam em usar a cabeça para pensar e as mãos para agir. Enquanto toda a gente, perante o dilúvio de informações ameaçadoras, se tinha retirado rapidamente para a arca subterrânea do não-é, duas personagens, um homem e uma mulher, que ignoravam as notícias da suposta guerra, uma por preguiça, a outra por embriaguez, penetraram, escapulindo-se, na cidade. Pasmaram ao ver que os semáforos continuavam a funcionar nos cruzamentos apesar de nenhum veículo circular, ao avistarem robots, em palanques, que proferiam infundáveis discursos frente a plateias vazias (os políticos, por razões de segurança, tinham sido, em tempos idos, substituídos por autómatos antropomórficos sempre que pronunciavam discursos em público; os avanços tecnológicos permitiam criar duplos convincentes, tanto mais que as respectivas perorações tinham sido concebidas pela inteligência artificial; recorde-se que, mais de um século antes, Lenine tinha discursado simultaneamente

em vários lugares muito distantes uns dos outros), ao deparar-se com uma vida estritamente maquínica que perdurava mecanicamente. Nas montras, televisores transmitiam cotações da Bolsa onde os preços disparavam sem interrupção. Foram parar ao local onde um imenso prédio sem janelas abrigava um computador gigantesco que comandava e controlava toda aquela actividade. Tiveram de confessar a si próprios que não reconheciam nada e que estavam perdidos. Um aperto de mão, um roçar de palma contra palma selaram a cumplicidade entre ambos. Ainda não era o amor, mas antes uma promessa, uma fé no futuro. Sem acordo prévio, dirigiram-se para a saída da cidade e adentraram-se nos terrenos ermos onde, após a desertificação provocada pelo cultivo intensivo, a erva recomeçava timidamente a crescer: ela chamava-se Ada, ele chamava-se Evo; juntos iam reatar a aventura da humanidade.

REMÉDIO PARA O VIRÓDIO

André Alves com LCMarola, Lunatic, Pikachu, Mendrake, Camuflado

Centro Educativo Santo António

Ilustração de João Alves

Composição:

Amor, bem-estar, escutar-se, partilha, amizade, 5 minutos, proximidade emocional, escuta.

Sobredosagem:

Família, autorregulação, comunicação.

Procedimento adotado nas Leituras Furiosas:

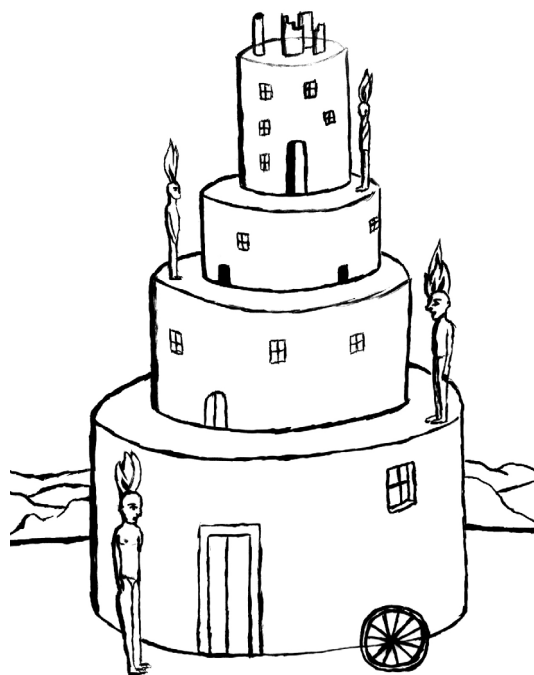
Rasurar a palavra «bênção» da coluna de palavras relativas à ideia de «família» foi um erro, aponta LCMarola, um moço que se lê como uma mota com desejo de rugir a sua aceleração sobre a paisagem.

Cuidado, diz-nos o Lunatic, a rapidez é pouco amiga da atenção e da escuta.

Diz-nos que prefere a conversa, contar estórias, a ler. E, no entanto, nenhum erro ortográfico lhe escapa. As alcunhas enganam, e ele – qual revisor profissional de textos – não tem a cabeça no ar, mas na rota que toda letra desenha na folha.

A velocidade esbate aquilo que é específico, o que é diferente, ou aquilo que não está logo à vista. Muito fica por falar. Como aquelas sensações que despontam em nós e que permanecem incomodativas até ganharem nome. Talvez as possamos ler como uma certeza incompleta.

Pikachu descreve como os altos e baixos da emoção criam tensão. Não se trata de uma montanha-russa divertida, mas de um jogo de oscilação entre uma expectativa demorada e o acelerado risco de queda. A respiração detém-se, notando um mal-estar no interior do corpo até então abafado. Um sufoco ao qual não foi dada ainda escuta e que um dia rebenta por acumulação. O incómodo alivia no instante dessa explosão emocional. Mas soltar-se desse modo gera incómodo geral. Daí que se recorra à estratégia da pausa autoimposta, preferencialmente sozinho,



para se escutar, talvez até para ouvir o que gosta, a Rádio dos TPRS, os pássaros a cantar... uma paz que acontece via som, uma solissom, como nomeia Mendrake – um talentoso inventor de palavras compostas, deslocadas do solitário para o sentido colaborativo do hífen.

Retirar-se não é sinónimo de demitir-se de envolvimento. Camuflado refere a boa prática de tirar um tempinho uns 5 minutos, para esfriar o pé e as ideias. Sem livre-arbítrio e poder de circulação livre, entregar-se a tal paz não é um remédio assegurado. Para ecoar a posição de LCMarola em relação às conquistas pessoais, a paz é uma conquista, e, como tal, não tem valor de venda.

Se escutar-se é requisito para se apaziguar, desfazer-se da narração do ódio – o viródio – é o procedimento para que esta se venha a efetivar. Talvez por isso ninguém tenha protestado quando se riscou a palavra «ódio» da coluna de palavras relativas à ideia de «família».

Por essa altura já o grupo aprendera uma técnica de autorregulação somática, pressionando a língua contra o palato, sem ativar o maxilar nem lábios, que relaxa o corpo de modo insondável. Uma língua que responde à tensão que começa a crescer com um abraço aguçado na escuta, mas nada cortante.

POR QUE RAZÃO É TUDO ASSIM E O ASSADO NÃO VEM PARA A MESA?

Emílio Remelhe com Alberto, António Rocha, Carlos Fernandes, Carlos Leite, Cláudia, Fátima Nepomuceno, João Barrosa, João Martins, Jorge Silva, José Cunha, José Lopes, José Santos, Manuela, Márcio Santos, Nuno, Ricardo, Vítor Pinto, Vítor Sousa e Paulo João

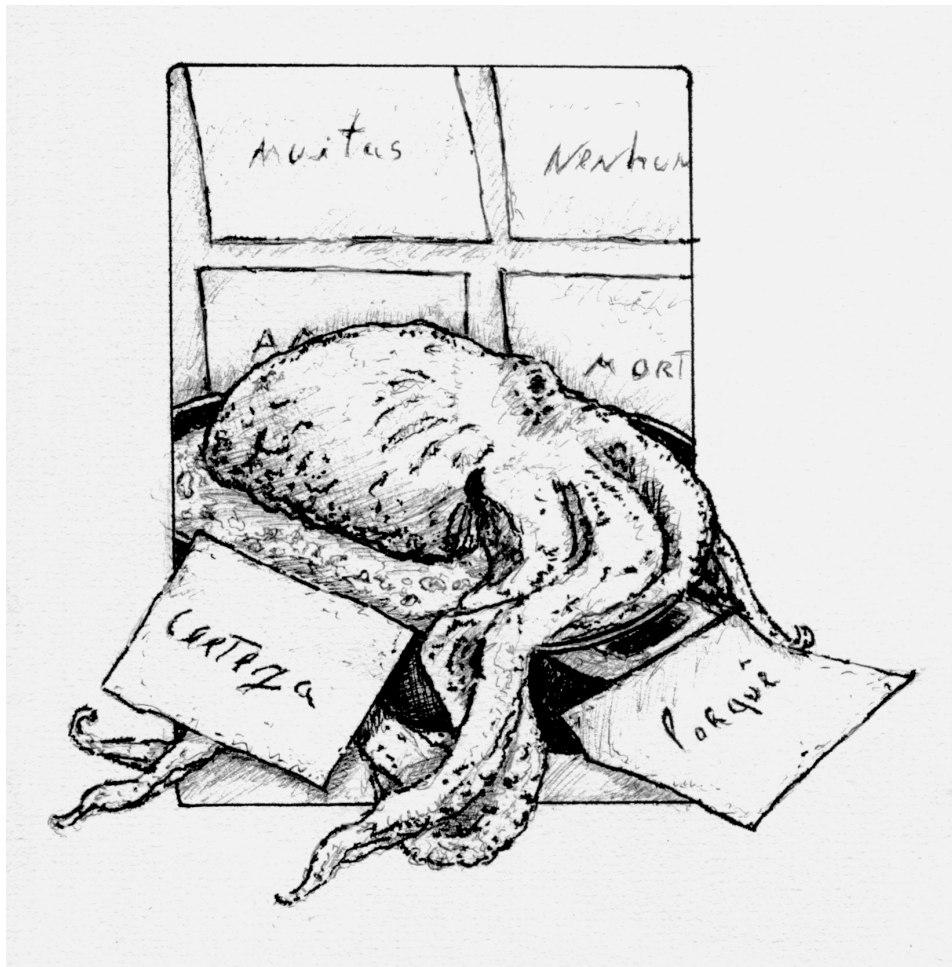
Comunidade Terapêutica Ponte da Pedra

Ilustração de Paulo João

Pergunto «quem» e dizem-me que devo perguntar «onde». Pergunto «quando» e dizem-me que devo perguntar «como». Mas ainda ontem perguntei «como» e olharam-me de alto a baixo: queres perguntar o quê? Se pergunto assim, é porque sei que o assado já acabou, escusam de me dizer que vão ligar o forno. Deixem-se de tretas: quem, onde e quando me responde pelo menos a um porquê? Se, na idade dos porquês, as crianças falam, por que é que nos porquês da idade, os adultos se calam?

Por que tenho tanto Amor pela Felicidade, se ela não me vê? Por que é que o perfume da Inveja me apanha sempre de nariz desprevenido? Por que é que a Raiva se contém, para não regar as plantas com água a ferver? Por que é que a Traição insiste em brincar às escondidas como se eu fosse uma criança? Por que é que a Falsidade já nem se dá ao trabalho de esconder os dentes caninos quando fala? Por que é que o raio da Arrogância se veste à paisana? Por que é que a Verdade se esforça tanto para ser o que é, e a mentira consegue, sem esforço, ser tudo o que quer? Por que não consigo fazer voltar atrás este Desentendimento Familiar que me rói corpo e alma? Querem que explique o que é isto de Saudade? Faço-vos um preço pela minha alma mais um desconto pela minha dor. Mas ofendo-me se me disserem para ficar com o troco.

Se a Frustração quer fazer cama no meu corpo, finjo-me morto e prego-lhe um susto de Morte com o meu cadáver. É que Frustrado é o que sinto, não o que sou. Qualquer lavagem ao cérebro pode tentar apagar-me os Sentimentos com um «algoríntimo» novo, mas a Clarificação que é, como bem sabeis, um doce amargo à base de claras de ovos batidas até chegar ao castelo – armazena todas as minhas memórias em cobertura de caramelo. O problema dos doces é que



a Doença e a Saúde são divorciadas com comunhão geral de bens. E a escassez de bens é abundante.

«O meu pai morreu e eu não pude fazer nada.» Terá ido antes de mim para preparar a minha chegada? Mãe só há uma, a minha e mais nenhuma. Às duas por três, minha-mãe tem a resposta sem perguntar pela sua vez. Minha-mãe sabe que há respostas que receiam a pergunta; que há respostas que não têm tempo para esperar a pergunta certa; e que as Certezas são coisas desfeitas, refeitas e por fazer.

«Tenho a certeza de que por alguém sou odiado», «tenho a certeza de que o ódio nunca irá acabar». Sim, prolongamos os campeonatos do Ódio e agora temos vergonha de subir ao pódio? Tenho medalhas pelo corpo todo, mas são de outra coisa. Especializei-me em Danças com o mesmo par e tu em Quedas ímpares com o mesmo Joelho. Mas fazem-me falta os Filhos e as Filhas que tenho. Fazem-me falta os Netos que não tenho: porque os netos que ainda não tenho já têm avô, já têm quem sinta a sua falta. Sem pieguice, tenho saudades da meninice, dos carinhos e das birrinhas. Sanguinha era um diminutivo de aumento. Francesinha é um daqueles diminutivinhos que aumenta as filas do turismozinho – dizem os pais, com voz de filho pequeno.

Cá-por-mim-queru-Paz-e-Sossego-e-dois-dedos-de-fé-e-Paixão-e-emprego. Venham Muitas, Nenhumas palavras à boca. Venham Certezas boas, más e tudo atrás. Tirem-me dúvidas, dádivas, dívidas. Violência e Guerra? Ainda sou eu, um dia destes, quem as enterra. Até lá, que a tua Poesia trate dos meus porquês: que os lave e penteie, que os leve em passeio, que os leve muito a sério quando riem sem parar.

O Primeiro Amor já cá canta. Arrumado a um canto, para que ninguém mo tire. Alimenta-se de memórias requentadas, de farinha da mó e da mó do moinho – de Moelas. Passeia os dedos pelo sub-mundo, passa as unhas de raspão pelo fundo, arranha, fere, escreve até doer a Mão. Sussurra e soçobra, lê com o Lápis à flor da pele, cresce naturalmente até dar fruto

TREZENTOS E SESSENTA E CINCO

Rui Manuel Amaral com Joana Botelho, Emílio Costa, Joaquim Jorge, Fernando Rocha, Carlos Martins, Alfredo Ferreira, Ruben Pinto, Adilson Garcia, Luciano Araújo

Casa da Rua

Ilustração de JAS

Passou um ano desde que estivemos juntos pela última vez. Aconteceram tantas coisas... Fui a Lesbos. Estive no campo de refugiados de Kara Tepe. O único lugar da Europa onde não existe nada: casas, segurança, escolas, aquecimento, saúde. Só pessoas desesperadas. Conheci uma mulher que fugiu da Guiné e deu à luz durante a travessia. No campo, tentava sobreviver com o filho pequeno. Era a única coisa que podia fazer: tentar sobreviver. Fiz um exame e descobri que os meus pulmões tinham duas manchas. O médico explicou-me o que estava a acontecer: os pulmões tinham decidido encolher. Todos os dias encolhem mais um bocadinho. Fiz teatro, trabalhei com grandes encenadores, estive no palco do Teatro do Campo Alegre, do Carlos Alberto e do São João. Nunca sonhei em pisar o palco do Teatro Nacional, mas aconteceu e o público aplaudiu de pé, durante várias noites. Mudei de quarto e agora tenho uma varanda onde posso apanhar sol. Custa apenas 275 euros. É como se tivesse ganho a lotaria. Fui à Nazaré, fiz um safari num parque temático, perto de Lisboa, e amanhã vou a Santiago de Compostela. Mas só se estiver bem da cabeça, quer dizer, se não trovejar. A trovoada faz-me muito mal. Além disso, estou com receio daquele vírus que está a espalhar-se no Congo. E se chegar cá? Perdi o trabalho num *call center*, mas recuperei o contacto com o meu melhor amigo, que vive em Paris. Conhecemo-nos lá, em França, quando éramos adolescentes e dividíamos o quarto no internato. Entretanto, magoei-me gravemente nos joelhos, quase não ando, sinto até medo de me mexer. Tenho 21 anos e o corpo de um velho. Fui o DJ na festa de passagem de ano na Casa da Rua. Passei *techno* e *electro house* até às duas da manhã. Entrei num curso de cozinha. Sei fazer arroz de marisco, creme de marisco, cataplana de marisco, quiche de marisco. O meu irmão teve um acidente de mota e qua-

se morreu. Arranjei emprego no bar de uma escola profissional. Das 9h00 às 10h30, sirvo cafés, abatanados, meias de leite, cevada, leite simples, leite com chocolate. A partir das 11h00, separo meias e cuecas na lavandaria. Às segundas, quartas e sextas, dobro toalhas de banho, saídas de banho e toalhas de bidé. Às vezes, também separo panos de cozinha. Gosto deste trabalho. Faz agora mais ou menos um ano que comecei. O tempo passa a correr.



O 282 DA RUA AB

Regina Guimarães e PAM com o Alex, a Alice, a Beatriz, a Cátia, o Diego A, o Diego D, o Diego N, o Enzo, a Erica C, a Erica P, o Ivan, o Lisandro, a Maria, a Paloma, a Sofia M, a Sofia R

Associação O Meu Lugar no Mundo

Ilustração de Miguel Carneiro

... entrei num lugar no mundo que fica mais ou menos a meio da rua onde moro há quarenta e cinco anos./ é uma casa, aberta a quem toca, que se chama precisamente «o meu lugar no mundo»./ e o que vem a ser isso, perguntei eu a quem lá me recebeu?/ porquê «meu» e não «nosso»?/ na verdade é bom estar num lugar nosso e sentir que se está igualmente e em igualdade no lugar de cada eu/ como é bom estar em nossa casa quando todos sentem que ela pertence por inteiro a cada morador./ a diferença entre um lugar e um espaço é que o lugar é construído por visões, motivos, sensações e sentimentos, não é só um bocado do planeta terra./ no meu lugar no mundo posso pensar no meu mundo e no mundo de todos, inclusive os meus./ infelizmente, neste nosso mundo o lugar está demasiadas vezes fora do lugar, o espaço está demasiadas vezes inabitado quando não inabitável./ no meu mundo, há lugar para muitos «nós», por isso é tão importante cuidarmos dele e ficarmos ligados./ no meu lugar deles, delas e dos elos encontrei um Enzo e uma Beatriz verdes/ uma Maria e um Lisandro amarelos/ uma Maria e uma Paloma roxas/ um Diego e um Ivan pretos/ uma Sofia azul marinho/ uma Erica rosa e uma Erica branca/ outro Diogo vermelho e uma Cátia coral, etc.../ não acredita?/ tens razão, eu também creio no que vejo e nem sempre os outros vêem./ o meu lugar no mundo é quase um arco-íris, só lhe falta o índigo e o laranja./ no meu lugar no mundo há um jardim com margaridas, girassóis, dalias, tulipas, jacintos, orquídeas, alfazema, hortelã./ até lá crescem cactos, papoilas, um pinheiro./ e, sobretudo, existe um recanto reservado às ervas daninhas./ o meu lugar no mundo não é enorme, mas tem divisões para todos os gostos e feitios: dois quartos de dormir, duas salas de jogo, duas salas de estar e ser, uma cozinha, uma casa de banho, um escritório com livros, um banco frente a uma janela, um jardim flo-

rido, um pátio./ até um quarto escuro lá se encontra./ todas essas divisões têm nome de gente e cheiram a humanidade./ no meu lugar nosso queremos defender o mundo, a lua cheia, o olho da rua, o beco com saída, o terreno ermo, a casa de esquina, o sótão e a cave./ o sol nascente e poente, o vento e o mar, a aurora boreal, a grande barreira de coral, o já verão e o ainda não visto./ as rodas de desenho./ a escrita que não tem medo das minúsculas e dos minúsculos./ defender tudo isso com unhas e dentes./ e conseguir que o ar se possa respirar, a água se possa beber, os braços possam abraçar e as bocas beijar... e falar.



INGREDIENTES POR ESTA OU OUTRA ORDEM

Daniela Duarte e Nuno Sousa com Diana, Karina, Laura Pires, Sara, Maria Rebelo,
Elizabeth Silva, Lídia, Taíza, Mónica e Vanessa

Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo (Feminino)

Ilustração de Nuno Sousa

Um quarto	todo o escuro
Uma história	todos e tudo
Um filho	todas as mães
Um medo	todas o temos
Uma manhã	todos os dias
Uma verdade	todas as mentiras
Um livro	todos os porquinhos
Uma chique	todos os circos
Uma <i>freak</i>	em todas as escolas
Uma criança	toda a aldeia
Um engenheiro aeroespacial	para os dentes do Afonso
Um terrorista	todas as crianças
Uma carrinha preta	todos os papões
Um bairro	todas as cercas
Uma prisão	todas em redor
Numa cela	só mãe e filha
Uma palavra	e um telefone para toda a família
Uma conversa	todos os silêncios
Um pátio	todas as ruas
Na realidade	as muitas histórias
Uma mulher	todos os homens
Numa noite	a Aurora

O que me lembra um poema do Carlos Drummond de Andrade

E que fala de Clara que passeava no jardim com as crianças e o céu que era verde como o gramado, a água dourada sob as pontes. Fala de outras cores, do sorriso do guarda-civil, das bicicletas sem travões, da menina que, pisando a relva, pega num pássaro e, embora o poeta não diga se era grande ou pequeno, sabe-se que estava vivo porque continua o poema dizendo que está o mundo inteiro tranquilo em redor de Clara e que não é proibido olhar para o céu e ver os pais nas estrelas em vez das barrigas dos aviões. Fala de toda a cara aberta de espanto, como é hábito nas crianças que acreditam. Nada era proibido e só da gripe, calor ou insetos havia perigo. E embora o poema não seja bem assim nem acabe por aqui, aqui se me arrepiam as palavras e o sal, porque já anotei o que importa da paisagem. De resto, já nem existe.

Quanto à receita não esquecer

Todos os jardins
Nenhum Santiago

da uma Nazaré
onde houver minhocas.



CURSO PARA ESCRITORES PROFESSORES E OUTROS ADULTOS

Leonor Figueiredo com JP, Preto, THZ, Moura, Brau, Pierre, Neves, Dluxé, Zano, Fofinho, Fabiana,
Tati, Chocapic + DT Luís e profs Clara, Ana Rita, Ana Dias e Sara

Qualificar para Incluir

Ilustração de Alberto Pessim

olhe o primeiro conselho que lhe dou
é não comer deste bolo
por acaso ia agora provar
é, também achei que fosse valer a pena
mas não aconselho mesmo
então eu acordo e a primeira coisa
que eu faço quando chego a casa
vives na rua eeeeeeeeeeeeeee
ó, quando me levanto
abro as portas do armário tiro a torradeira
e faço uma torradinha com galão
todos os dias
não sabe mas eu explico-lhe com calma
para sacar um cavalo

tem de carregar com força no pedal,
levanta a roda da frente e quando sentir
que está quaaaase a cair pra trás
carregue um bocadinho no travão
mas SÓ UM BOCADINHO MESMO
(só um bocadinho) senão cai
eu já saltei da ponte à gato sabe
nós costumamos saltar
do tabuleiro de baixo claro
é fácil, tem de atirar-se de braços abertos
não magoa tem é de cair bem
já para subir às árvores com bicicletas
o que tem de saber é que
em todos os treinos vai lesionar-se

ou então partir a bicicleta
é o preço a pagar
para desafiar as leis da física
mas onde treinas? no mcdonalds
já agora não sabe mas eu conto-lhe
mudaram o molho do mcbifana
agora é igual ao molho do prego
e por falar em prego, sabia que as vacas,
quando estão vivas, têm melhores amigas?
e irritam-se quando não podem andar juntas
já que estamos nas amizades
o DT é o melhor amigo dos nossos pais
gosta muito de falar com eles né
olhe mais uma que não sabe mas fica a saber
quando eu trabalhava no cinema

no intervalo íamos limpar as salas
mas não é bem limpar
só temos de varrer as pipocas
para baixo dos bancos
para na sessão seguinte parecer limpo
conhece esta música? esta conhece
não conheces esta música, mano?
olha a porta de saída é ali
eu tenho o talento de ver séries rápido
essa série vi-a toda em três horas
claro, as partes seca saltava
cala-te e vai lá assaltar um banco
olha imita aí o professor Luís
não imito tenho vergonha

mas ele não está aqui
mas tou eu
eu quero sabeeee o sabor do teu gloss
mas o que é que te inspira, diz-nos
é melhor não dizer né
eu fui ao moto gp com o meu pai
pEEEEEEEEEEEEEE
mas gostas de motas pEeeee
foste lá ver o quê? ó
diz lá, foste ver o quê
olha, veículos com duas rodas
triciclos? BI-ciclos
juntei dinheiro e comprei uma
uma quê ó ó ó pessoal
deixem-no falar
ah coisas importantes
a virgínia vai voltar com o zé a virgínia?
não sabe quem é a virgínia
mas tem internet em casa? wifi?
estas línguas de veado são uma delícia
vê lá não comas muitas
leitura furiosa não sei nunca estive
estive só no velocidade furiosa
eu era o careca
ah o meu pai faz anos hoje
fiz esta tatuagem para ele
o que diz aí?
pai há só um. não tenho outro né
posso ter mais sumo? obrigado.



A VOZ DO INTERIOR

Ella Balaert com Marie-Jo, Jeanne, Martine, Delphine, Corinne, Aude, Fatya, Marie-Paule, Sandrine, Fadhila, Virginie, Catherine, Judith, Marie-José, Céline, Delphine, Marg... ?, Gaétan

APAP – Arcade et Abbeville Solidaire

Tradução de Maria João Brilhante

Ilustração de André Zetlaoui

Tenho medo, há imensa gente! Pensávamos que seríamos 4 ou 5... e somos 15! Vamos? Não vamos? Esta porta é muito bonita, com o seu arco no topo. Dá vontade de entrar. Mas não ousamos. Por trás da porta, brilha uma luz. Até íamos na sua direção. Mas não, não ousamos. Demasiado isto, pouco aquilo. Voltamos para dentro de nós mesmos.

Mas, no seu íntimo, no seu corpo e na sua mente, se escutarmos bem, podemos ouvir uma voz. É «a Voz do Interior». Vem do Norte, vem do Sul. Vem do Congo e do Pas-de-Calais, da América do Sul e de Portugal, do bairro da Étoile ou de Angola. É daqui, vem de outro lugar. Fala várias línguas, a voz do interior. Nem sempre tem documentos. Viajou muito, com a sua mala cheia de palavras combinadas. Veja-se, por exemplo, a «harmonascimento»:

é quando renascemos, porque encontramos a harmonia. A «sereniterra»: é quando estamos zen como um deserto. O «fufuforte»: é um prato à base de sêmola de milho e sementes de força. Às vezes, temos dificuldade em ouvi-la. Mas, agora, temos vontade de a escutar.

E diz-nos, essa voz do interior: vá lá, ousa! Ousa falar, dizer as coisas, avançar e afirmar-te, ousa dizer não, ousa aproximar-te do outro e amar-te a ti próprio, ousa a curiosidade e a esperança, ousa rir e chorar, ousa caminhar no deserto, partir para o mar, inventar! Ousa viver! Ousa ousar!

Então abrimos a bonita porta, entramos na luz como numa família, numa casa. E quanto às vozes interiores, elas saíram, passaram pelos lábios.

Elas cantaram: «Dá-me vontade, vontade de ter vontade / e se tu não existisses, diz-me por que existiria eu / dou-te todas as minhas diferenças, todos esses defeitos que são tantas oportunidades / Quando partíamos de manhã cedo, quando partíamos pelas estradas de bicicleta / tenho um sonho, o sonho que tenho, toda a gente o sonhou / Amo-te, não sei porquê, meu amor / pegar numa criança pela mão para lhe mostrar o caminho / quando era pequena, eu andei de gatas / Não, nada de nada, não me arrependo de nada / Deixem-me dançar, deixem-me / Vestida como nunca / Titanic ???? / Quero cheirar o teu bacalhau, Maria, quero cheirar o teu bacalhau / Deixem-me viver como eu quero / Um, dois, três, Um passito à frente, Maria / Se tentaram matar os teus sonhos. Sufocando o teu coração/

E elas inventaram: vassouras para deitar no lixo aquilo que dói; lápis com as cores da humanidade; palavras gentis, como «és bonita», ou de raiva; chapéus para colocar gentilmente na cabeça, antes de sair; raízes com asas e estrelas. Páginas que se viram, capítulos que se fecham. Depois, elas voltaram para dentro dos corpos, as vozes interiores. E saímos de casa. Fechámos suavemente a bonita porta. Voltaremos.



NA BANCA DAS PALAVRAS, A NOSSA LÍNGUA EM ACÇÃO

Alain Bellet com Abdel, Ehina, Yhajah, Destiny, Mia, Ornella, Précieux, Soumaya
Daphné Godard e Audrey Dos Santos, educadoras

Groupe DRE Amiens, Nord et Étouvie, Association APAP

Tradução de Cláudia Oliveira

Ilustração de André Zetlaoui

O pensamento reclama silêncio para desbravar os seus caminhos alternativos e se nutrir de esperanças. Uma gargalhada às vezes esconde a profundidade de uma reflexão. Cuidado com as verdades ocultas, cuja ofuscação impede que possam ser pronunciadas... Ousa, Camarada Caneta de Bico de Pena, vai, Amigo do Lápis a Carvão, desenha os cavalos do céu, pinta a dúvida num olhar demasiadamente azul, engole as nuvens, estica as montanhas de bruma, desde a Paris de Haussmann até às dunas do Sáara! E se para sentir o escrever em conjunto é preciso engolir alguns cadáveres esquisitos, não hesitem, saboreiem-nos até à vertigem! Como os *haikus* japoneses que ensinam a contar.



«Rumo à lua!» Teriam exclamado, em unísono, Hergé e o Sr. Verne! Ajudarmo-nos uns aos outros, cultivar o amor pela língua, escrever histórias, imaginar, partilhar as minhas experiências. Escrever é pensar em mim, no mundo, no amanhã... Mas, é para este mundo que escrevemos? Para exprimir o que não sabemos verbalizar, o demasiado peso da língua? Evoca a tua infância difícil, grande dor teres coragem para a confiar... Anda, diz o que pensas, do que é que gostas, o que detestas. Partilha as tuas palavras com os outros. Quem não saiba escrever dá assento à tristeza, sem voz, órfão da sua história. Quanto a mim, esbracejo, ponho em causa opiniões, partilho os meus pontos de vista, interrogo a humanidade, até aos meus próprios limites... Ler e escrever são uma transgressão, a de ousar a intimidade, murmurar no sussurro das páginas enegrecidas. Quando escrevo, cresço, amadureço, lanço pontes para os outros... Compreender, mas também descrever, partilhar e, ao fazê-lo, amar, certamente. Falta enriquecer o vocabulário e a eloquência através da leitura, para falar melhor. Gosto de escrever o que sinto, guardo para mim, mas também dou a ler, entregando os meus escritos... Será que escrever ajuda a diminuir a tristeza? Exprimo-me mais facilmente do que a falar. Escrevo para mim, sobre acontecimentos que me impressionaram. Escrevo-vos a minha raiva, grito a minha ternura. Em resumo, penso que escrever permite sobretudo ser feliz. Palavras, desenhos, bandas desenhadas impõem-se. Escrever é sentir-se melhor. Na verdade, escrevo sobre emoções para poder compreendê-las, vou à pesca de palavras para afinar o meu pensamento... Geralmente, a escola ensina a forma, dá-te a estrutura, revela a moldura, mas não o fundo. O fundo do fundo está fora do assunto! E o fora do assunto chama-se literatura! Imaginar é sonhar com a realidade para depois de amanhã... Todas estas visões imaginárias, anoto-as, desenho-as, guardo-as com muito cuidado, mas, atenção aos pesadelos! Um relato vivo é a própria vida sempre séria. A escrita serve para compreender, para persuadir... Gostava tanto que as minhas palavras me dessem a força de tentar ser mais feliz na minha vida real, lá fora...

Sol de amor louco
Escrevem as cerejas
À luz intensa da amizade

TUDO BEM HOJE

Peggy Boudeville com Maxence, Emma, Arthur, Lisa, Naomie, Matthéo, Ambre e Alaric
do Collège Ailly-sur-Somme

Collège Ailly-sur-Somme

Tradução de João Rodrigues

Ilustração de André Zetlaoui



Uma troca de galhardetes,
Um edifício abandonado,
Onde antes se fabricavam têxteis,
E, no entanto, a mesma água continua a correr em frente.
Sinto os seixos frescos debaixo dos pés e isso descontraí-me.
Escrevi livros sobre a guerra e toda a gente é contra, claro.
Basta ver-vos rir e a respingarem-se, ver a paz brilhar nos vossos dentes.
Dizes-me *eu sou pacífico, guerra não, obrigado, prefiro ajudar a minha avó.*
Tens razão, há tanta coisa melhor para fazer, tantas pessoas com quem nos preocuparmos,
tantos sorrisos para dar, tanto sentido no que procurais.
Não quereis ter só um trabalho,
É aos outros que quereis chegar.
Cuidar deles, ensiná-los, integrá-los,
A humanidade está por cultivar.
Mas o vosso maior desejo é partilhar o belo,
Aliás, *dir-se-ia a arte na água.*
A luz diz-vos algo, ide então.
Deslumbrai-vos.
Fazei aparecer o artista em vós.
Fazei chover as vossas estrelas interiores cantando, pintando, dançando.
Escrevendo. Mas lendo, primeiro.
Porque ler o livro limpou-me.
Porque *quando passo um dia mau escrevo, e isso apazigua-me.*
Porque *parto de algumas linhas e depois escrevo, escrevo, escrevo.*
Porque *escrevo no mesmo caderno que o meu bisavô.*
Todas as vossas razões são boas, nenhuma é para deitar à água à beira da qual se estava tão bem, e na qual se agitavam os camarões e a vossa vontade de devorar a vida.
A água à qual atirei convosco alguns paus
Só para os ver ressurgir do outro lado da ponte.
Esteve mesmo tudo bem hoje.

UM DIA ESPECIAL

Francis Demarcy com Fifi, Dieumerci, Petro et Pierre

Initi'Elles

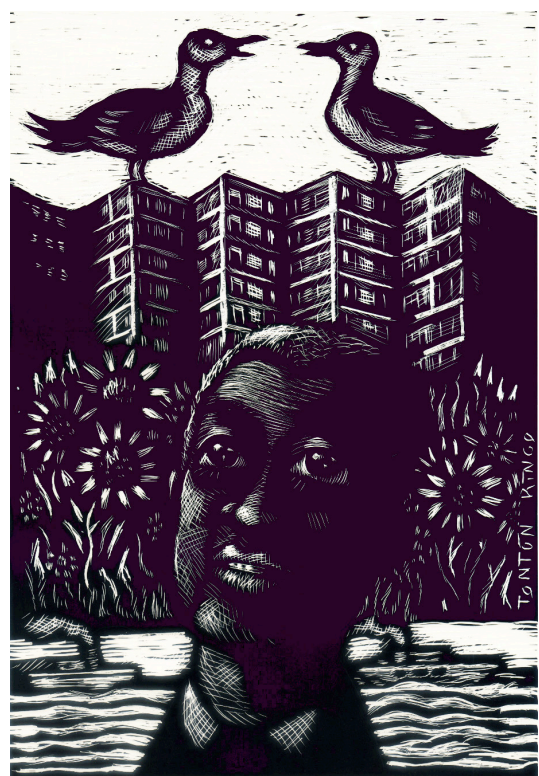
Tradução de Cláudia Oliveira

Ilustração de Tonton Ringo

Quando cheguei a Étouvie, o dia estava bonito. Mesmo muito bonito. Verão com um mês de avanço. Parque de estacionamento deserto, ou quase. Bastante sombra. Estacionei o carro debaixo das árvores. Abri a porta. E aí, primeira surpresa: os gritos das gaivotas. Olhei para o céu e vi a dança aérea destas aves por cima do edifício Les Coursives. O céu azul e a berraria das gaivotas davam a sensação de se estar à beira-mar. Parecia mesmo que estávamos lá. O comité de recepção não chegou ao ponto de me atirar com salpicos de maresia e com o barulho das ondas. Posto isto, o edifício Les Coursives ergue-se diante de mim como uma falésia vertiginosa com as suas centenas de apartamentos vazios. Não admira que as gaivotas tenham tomado conta do lugar. Moro muito perto daqui, a dez quilómetros em linha recta (de voo de gaivota). Mesmo assim, sinto-me completamente deslocado. Fora do meu ambiente, estou finalmente pronto para encontrar aqueles que me esperam: rapazes vindos de Kinshasa. Mais de seis mil quilómetros separam esta cidade da nossa. Não consigo realmente conceber esta distância. Nem consigo imaginar o que um salto tão grande no espaço pode fazer ao coração de um homem. Para um sedentário a envelhecer, a unidade de referência é o ano e não os quilómetros. Os meus vizinhos de mesa e eu falamos, ouvimos, contamos anedotas. O que se chama conversar. Quando chega a altura de esticar as pernas, saímos no calor do meio-dia. Um congolês que está aqui há apenas alguns meses mostra-me o bairro. Não imaginava os subúrbios assim. Edifícios renovados, vegetação por todo o lado, pássaros vivazes a saltitar na relva, outros a cantar nas árvores... Até o céu se livrou da melancolia das últimas semanas. Parece um anúncio turístico. Adolescentes de shorts

saltam aos gritos num braço do rio Somme. «As pessoas daqui sabem celebrar o regresso do bom tempo», pensei para comigo.

Continuamos a nossa peregrinação até uma horta comunitária. Explicam-me o que é. O conceito de uma horta comunitária é difícil de entender para um homem do campo mais inclinado a barricar os seus canteiros. O calor do fim da tarde intensifica os cheiros das plantas aromáticas. Aspiramos hortelã, estragão e, principalmente, alecrim. Depois das gaivotas e do seu piscar de olhos balnear, o rosmaninho e o seu ar provençal. Este canto da cidade superou-se realmente. Neste ponto, já não é sedução, é encantamento. Preciso de uma pausa, o que vem a calhar: está na hora de regressar a casa. A minha aldeia não me espera, mas volto, seja como for. Todo o camponês vos dirá: as vacas velhas acabam sempre por se deitar no lugar a que já estão habituadas.



DIA TRANQUILO

Sébastien Gendron com as crianças da

Maison d'enfants à caractère social François Libermann

Tradução de Joana Cabral

Ilustração de André Zetlaoui

Primeiro
Está bom tempo o dia todo
O suficiente para esquecer o mundo.
Calor também. Calor sobretudo.
Cada um no seu canto,
Mas, juntos, pensamos nos nossos familiares
Nos nossos desaparecidos, nas coisas que lhes
queremos dizer
Em pensamento.
Então,
Dizemos coisas uns aos outros.
Depois,
Vamos apanhar o fresco
Na entrada de Notre-Dame.
Saudamos os decapitados, com a cabeça
debaixo do braço
Há sete séculos bloqueados
Na pedra do pórtico
Nada tristonhos. Parecem até bastante em
forma.
Sob a nave, uma estátua jacente sem nariz,
com os olhos abertos
Zombie no seu túmulo que aguarda a sua hora.
A seguir,
Comemos no Crousty. Mesa 19.
Sentados em fila. Cinco menus tamanho L,
Só de os ver chegar
Corta-nos a fome.
Tiramos uma foto de uma tarte de chocolate
Daim

Massacrada na sua embalagem,
Na mesa reluzente.
Depois
Vamos embora levando os restos.
O apetite volta sempre.
À saída,
A torre Perret vista de baixo
É um excerto de Nova Iorque
Para aqueles que não foram.
Ao passar, espreitamos
Os nossos reflexos nas montras.
Os rastos brancos dos aviões
No céu azul-escarchado, sentados nos jardins
do museu
Imaginamos colisões impossíveis.
A trajetória do Sol, bem visível, bem nítida
Nas paredes, nas colunas
E o leão que cospe para o tanque.
Tiramos fotografias, a nós, ao resto.
Por fim,
Ao atravessar o jardim Annie Fratellini,
Soltamos gritos de animais.
A parte de baixo das árvores lembra
Veias negras
No verde e no azul.
Pronto.
Não sei se foi
Um dia incrível, mas foi
Um dia tranquilo. Entre nós.
No meio de todos os outros.



RECHEIO NÃO AUTORIZADO

Cécile Hennerolles com Bakary, Beni, Déborah, Pele, Rougayatou, Saïfoulaye, Chloé e Clément

Coallia

Tradução de Zé Lima

Ilustração de Tonton Ringo

É favor respeitar a distância de segurança. Não escrever nas paredes. Não impedir a passagem. Proibido correr à volta do lago. É favor não gritar próximo da residência. Deixar a porta fechada ao sair. À Direcção reserva-se a liberdade de recusar a entrada a pessoas estranhas ao serviço. Proibido circular para além do limite autorizado. Não deixe as suas bagagens sem vigilância. Recolher obrigatório às 21h.

- Ena, pá, parece-me bem que está tudo regulamentado. Proibido. Complicado...
- Não se pode ir onde se quer.
- Nem voltar para casa à hora que se quer.
- Não temos liberdade de fazer nada.
- Isto dá-me vontade de recheiar isso com umas coisas.
- Rechaçar? Completamente!
- Não, não é rechaçar. Recheiar!
- Não sei se tenho com quê...
- Recheiar não tem nada a ver com recheio. Só quer dizer que se pega num texto e que o enchemos de tinta preta a tapar tudo o que não nos agrada.
- Por exemplo, se está escrito «Não são autorizadas festas», enfiamos um recheio de tinta preta em cima do «Não» e afinal o que fica é: «**Não** são autorizadas festas».
- ‘Bora lá, toca a recheiar!

[E, agora, aqui está a versão recheada deste texto:]

É favor **respeitar a distância de segurança**. **Não** escrever nas paredes. **Não** impedir a passagem. **Proibido** correr **à volta do lago**. É favor **não** gritar **próximo da residência**. Deixar **a porta** fechada ao sair. À Direcção reserva-se a liberdade de **recusar a entrada a pessoas estranhas ao serviço**. **Proibido** circular **para além do limite autorizado**. Não deixe as suas bagagens sem vigilância. **Recolher obrigatório às 21h**.

- Ena, pá, parece-me bem que **está tudo regulamentado**. **Proibido**. **Complicado...**
- **Não se pode ir onde se quer**.
- **Nem voltar para casa à hora que se quer**.
- **Não** temos liberdade de **fazer nada**.
- **Isto dá-me vontade de recheiar isso com umas coisas**.
- **Rechaçar? Completamente!**
- **Não, não é rechaçar. Recheiar!**
- **Não sei se tenho com quê...**
- **Recheiar não tem nada a ver com recheio**. Só quer dizer **que se pega num texto e que o enchemos de tinta preta a tapar** tudo o que **não** nos agrada.
- Por exemplo, se está escrito «**Não** são autorizadas festas», enfiamos um recheio de tinta preta em cima do «**Não**» e afinal **o que fica é: «São autorizadas festas»**.
- **‘Bora lá, toca a recheiar!**

Fica muito melhor assim!



QUE AVENTURA?

Françoise Legendre com Laurent Clement, Bruno Delannoy, Cécole Devineaux, Cécilia Grogner, Amand Loire, Loïc Godey e Nathalie Fontaine

ADAPEI Amiens

Tradução de Cláudia Oliveira

Ilustração de André Zetlaoui

Dizes: o mar, a costa, porque ela não é longe. Mas não só mar: as lagoas, os lagos, o rio, os trilhos ribeirinhos, a ecovia. É aí onde passas bons momentos, onde te passeias, onde vais à pesca. É aí onde uma aventura poderia começar. Uma aventura com muitos animais: girafas, tigres, javalis, pandas, suricatas... Uma aventura com golfinhos saltitantes de um azul-acinzentado bonito, com focas pacatas deitadas sobre bancos de areia, patos que andam em fila e cisnes elegantes. Andarias por jardins misteriosos onde o tempo deixa de existir, entrarias nesse magnífico e imenso castelo onde talvez corresses o risco de te perderes para sempre. Falarias uma língua desconhecida com o pássaro cinzento, o pássaro que percebe tudo, que diz e repete uma infinidade de palavras: achas que um dia ele foge? Voltarias atrás no tempo para visitar a infância, as suas brincadeiras e as suas alegrias, e reencontrar, tu a tua avó, tu o teu avô, tu a tua tia... Tornar-te-ias na linda voz daquele cantor que tanto admiras, serias aquela instrumentista, aquele bailarino, aquele artista. Nadarias nas águas mágicas de um aquário gigante com peixes multicoloridos, tubarões pacíficos e orcas enormes. Experimentarias as atracções da feira popular para sentires a grande vertigem e – milagre – ganharias todos os prémios em todas as barracas: a sorte te sorriria com os seus dentes demasiado brilhantes. Tomarias a Rota 66 para atravessar os Estados Unidos, irias ao Japão saborear *sushis*, farias ainda vindimas em Champagne ou na Alsácia, atravessarias a Mancha de comboio para ir até Brighton e depois, olha, por que não ir até Guatemala? Não gostavas? Talvez, às vezes. Mas tu também sabes operar as grandes máquinas que lavam, aquecem, secam e dobram, sabes organizar, separar, verificar, atarrachar, reverificar, embalar, acondicionar, gerir, aprender, progredir, trabalhar, progredir mais, ouvir, falar, rir, viver aqui e agora. E gostas das coisas boas, não? Sim, de tartes de atum, de ruibarbo, de limão, de maçã, de lasanhas, de comida portuguesa, de linguado frito na frigideira, ah, e também de enguias eléctricas no churrasco. De quê? De enguias eléctricas: apanha-las e, muito importante, embrulhas num jornal. Não podes tocar nelas, senão apanhas um choque!



A tua aventura está nos teus sonhos e está também entre Abbeville e Amiens, Saint-Valéry-sur-Somme e Boulogne-sur-Mer, Nouvion et Argœuves, entre o mar e o circo Jules Verne, as bibliotecas e os cinemas, entre o trabalho e aqueles ou aquelas que te rodeiam e de quem gostas. A tua aventura é aqui e agora.

O ÎLOT MISTURA AS PALAVRAS

Jérôme Leroy com Gladys, Moncy, Pascal Monternier, Tony Monnier,
Djamila Souna, Thomas Chabeniuk

L'îlotier

Tradução de Maria João Brilhante

Ilustração de Tonton Ringo

O dia está azul sobre Amiens. No Îlot, os moradores, todos homens, apanham sol. É o tempo perfeito para recordar.

A memória segue as espirais de fumo de cigarro.

Há o que se lembra da ternura de uma avozinha e do frio do segredo.

Há o que se recorda de um acidente de mota, mas também do nascimento do filho.

Há o que se lembra de Nathalie, o seu único e insubstituível amor, que morreu no hospital por overdose de drogas e álcool, apesar do seu incrível talento para a pintura e a cerâmica. No seu quarto no Îlot, aninhado entre os seus romances policiais e os discos de Johnny Hallyday, guarda todas as obras de arte de Nathalie. O seu quarto é como um lar temporário, ele que conheceu tantos quartos e dormiu em todo o lado, em estações de comboio, camiões, comboios e até aviões de transporte de tropas.

As prof de educação especial no pátio, que são todas mulheres, também se recordam, sob o céu azul cada vez mais quente. No entanto, parece que as palavras chovem sobre o Îlot. Um aguaceiro de memórias, letras, sons e emoções.

Lembram-se de ler *O Príncipezinho*, de o amarem ao ponto de chorarem, lembram-se das praias de Guadalupe. Lembram-se dos lutos, dos fracassos, mas também do orgulho de estarem ali, humanas, para ajudar os moradores sem nunca julgar.

Moradores e educadores partilham, afinal, coisas que lhes dão motivos para ter esperança no futuro, apesar de tudo: mobilizações sociais para uma, a certeza de que o pior já passou para outra. Ou lembrar-se da doçura do mundo: soprar nas janelas numa noite chuvosa e fazer vapor, mergulhar bolachas em leite quente, ter um quarto só para si, como esta tenda Quechua para visitar a região de Hauts-de-France, de Tréport a Clermont-de-l'Oise, passando por Septmont.

E, de repente, cada letra do nome Îlot remete cada um para a vida neste lugar, todos juntos.

Como em inserção, imaginação, interação, mas também incerteza ou inquietação à chegada ao portão principal da Rue des Augustins, seja para o jovem estagiário de psicologia, seja para o animador de uma oficina



de escrita que chegam pela primeira vez.

L como para lutar para que a pobreza não seja uma fatalidade, que é obra dos homens e que só os homens a podem destruir. Ou para expressar o compromisso e os valores do trabalho social.

Ô, como organização solidária dos referentes para todos os residentes, como abrir o campo de possibilidades para as pessoas acompanhadas, como abertura de espírito e gentileza. Ou como abrir a porta do Ílot cada manhã e cada manhã experimentar, apesar de tudo, uma alegria renovada para aquela que sabe que o dia poderá ser duro.

T, como em trabalhar aos fins de semana quando não é como os outros dias e sentir-se a dona do lugar nesta calma tão singular. **T** como em Todos aqui têm uma oportunidade, **T** como em Trust in love, acreditar no amor, amor pelo outro, amor pelo ser humano que curamos.

Então, de repente, alguém diz:

— E se passássemos tudo isto a escrito?

O MOMENTO CARDAN

**Éric Louis com Fabien Savary, Olivier Maréchal, Vanessa Dubos, Catherine Beaucamp,
Laurent Garin, Isabelle Parisi, Franck Métais, Dorian Deplagne**

ESAT (Estabelecimento e Serviço de Acompanhamento pelo Trabalho) do Thérain, em Beauvais

Tradução de Zé Lima

Ilustração de André Zetlaoui

O sol voltou!

Com ele, voltou o calor. As chuvadas de Maio cederam o seu lugar. Na esplanada do ESAT, todos procuram a sombra. Reunidos sob o guarda-sol. Queriam ar livre, aí o têm! Vá, antes de partirmos, vamos visitar os ateliês. Está lá mais fresco.

Passamos diante das ferragens. Através dos vidros das portas fechadas, máquinas silenciosas e imóveis.

Através dos vidros do ateliê das madeiras, uma actividade densa e aplicada.

No tratamento dos legumes, não se entra, por razões de higiene.

Na lavandaria, no ateliê de costura, no do condicionamento, cada um e cada uma descreverá as suas actividades com precisão e entusiasmo. Vê-se que têm orgulho no trabalho realizado diariamente.

Na garagem dos espaços verdes, há um cheiro intenso a relva acabada de cortar.

Todos os dias da semana, trabalha-se.

Mesmo a meio da semana, há um momento para respirar. Um parêntese encantado.

Quarta-feira é o «momento Cardan».

Uma hora e meia que passa como um sonho. Mal começa, logo acaba.

É preciosa, esta hora e meia. Pelo que se aprende nela. Pelo que se reaprende. Estávamos um pouco zangados com a escola. Quer dizer, era mais ela que estava zangada connosco. E por isso não nos ensinou grande coisa. Não durante muito tempo. E esquecemos muita coisa, porque ela não gostava muito de nós. E então o Cardan veio em nosso socorro. O Cardan? Não se sabe muito bem o que é.

Aqui, o Cardan é Loëtitia. Atenção, não com um vulgar e comum «E» no «A», mas sim um belo

«E» no «O». Um «E» que cai na água viva da gentileza dela com salpicos de alegria. Um «E» que faz círculos na água.

Experimentem escrever Loetitia com o teclado do computador. Não é fácil, tem que se apertar muito bem o «O» contra o «E». Bem apertadinhos e durante muito tempo se queremos que se mantenham unidos. A Loetitia tem de se merecer.

Podíamos falar dela durante horas. Perdão, JÁ passámos horas a falar dela.

A Loetitia é a paciência, é a inteligência. Uma professora melhor do que uma professora.

É ela que nos põe de novo a estudar francês. Com doçura, põe-se a explicar, a reexplicar. Com vagar, expõe-nos os tempos dos verbos. Basta o som da voz dela para nos sentirmos descontraídos. Presente, passado, futuro, deixam de ter segredos para nós. Ou antes, ainda resta um pouco em relação ao futuro.

Ler! Como uma esperança. Um objectivo. Um orgulho. Não para nos perdermos entre obras-primas grossas como tijolos. Mas sim para decifrar as mensagens quotidianas da vida para nos compreendermos a nós mesmos. Um passo para a autonomia. Loetitia é professora de matemática também. Ensina-nos a fazer contas. Não pelo prestígio. Para sabermos contar o dinheiro quando nos dão o troco.

Com cada minuto da sua presença, Loetitia é uma dádiva. Sem fazer contas, ainda por cima.

Gostávamos de lhe dar algum dinheiro. Porque ela nos encanta, tranquiliza-nos.

Dá-nos confiança em nós próprios.

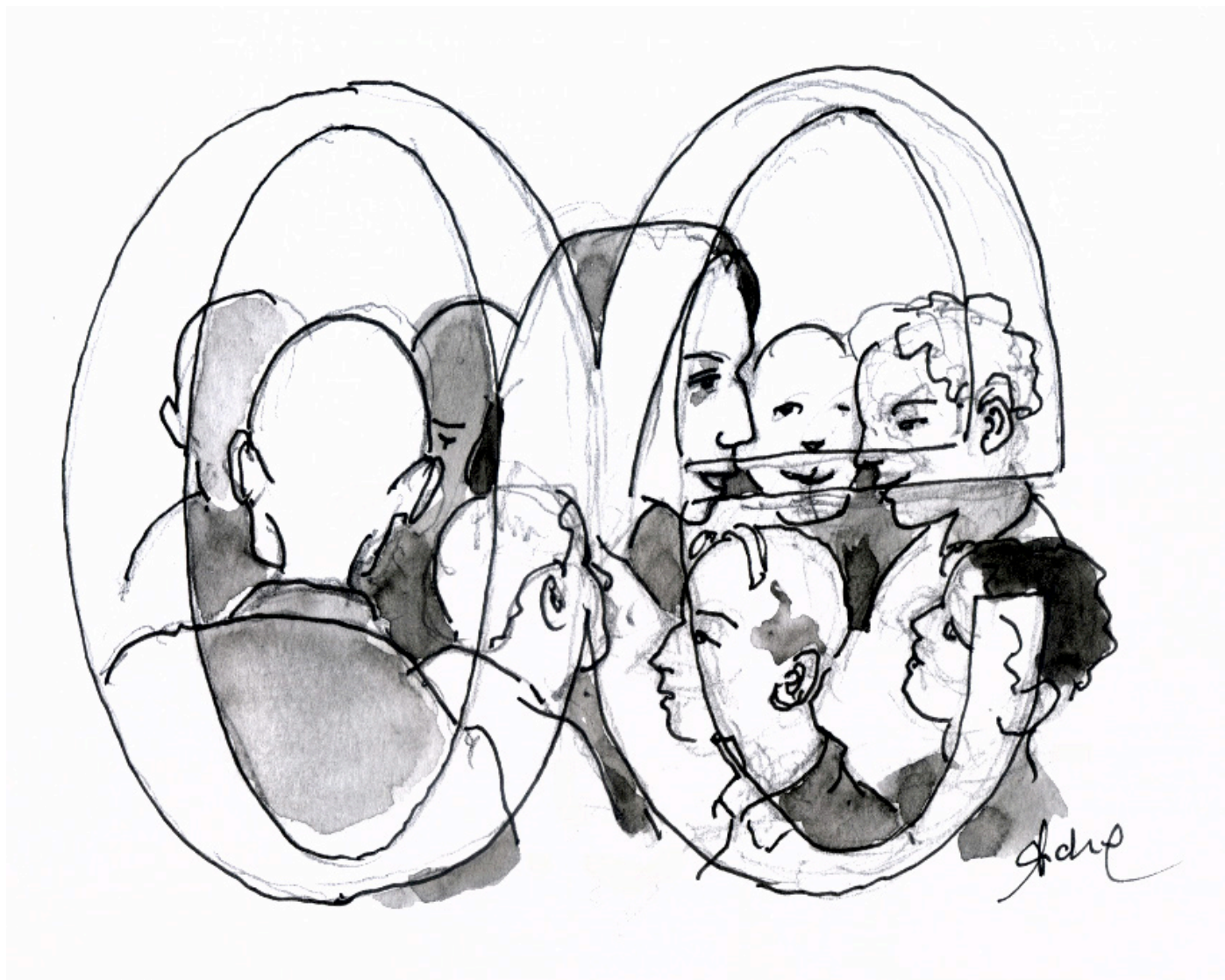
Pode ser até que goste de nós. Vá-se lá saber.

Não sabemos muito bem o que é a Leitura Furiosa.

Não faz mal.

Para nós, todas as quartas-feiras, é a Loetitia Furiosa!

Obrigado, Loetitia.



ESAT AO SOM DE ANDALUZA

Claire Ubak e Mathilde com Andréa, Amandine, Céline, Clément, Émeline, Fatoumata, Ingrid, Laurence, Sébastien e Véronique

ESAT (Estabelecimento e Serviço de Acompanhamento pelo Trabalho) Méru-Chaumont

Tradução de Rui Teigão

Ilustração de Grupos 1, 2 e 3

Na ESAT de Méru, de Trois Sources e de Chaumont, esta dezena de trabalhadores cozinha, branqueia, lava, costura «em série», selecciona, solda, organiza, transporta... Sempre a ouvirem música nos telefones. O cantor que está na moda: Kendji Girac.

– Kendji ji quê? Quem é esse?

– Espera, nós mostramos-te a música!

O grupo põe-se a cantar em coro a *Andaluza*. A letra fala de um tipo que ama uma bela espanhola. A seguir nasce a ideia de escrever uma nova letra para essa música, desta vez a homenagear a ESAT. Porque os companheiros que estão a dançar, adoram trabalhar juntos. Mesmo quando surgem discussões sobre as actividades preferidas, como fechar os sacos de escovas de dentes.

A função que ainda é mais apreciada: conduzir a Empilhadora. A Empilhadora está num nível superior ao da Transportadora, porque permite elevar as paletes até ao topo do camião. É preciso ter formação para a conduzir.

Portanto:

Ao som de *Andaluza* de Kendji Girac: A canção da ESAT

Logo pela manhã-ã
A escutar o Kendji
Vou-me sentar
Ao lado de Fatumata
Vou começar
Já não penso em mai-nada
Mas, do ou-outro lado
O Clément está todo corado
Só tem olhos para a linda Andréa
Está caído por ela, ela!

E tu, minha linda Émelina
Tão doce quanto felina
Separas as escovas de dentes
E nem um fio tu perdes
Ó tu minha altiva Amandina
A encheres os saquinhos
Uma e outra, tanto estilo
É assim na ESAT
E tu, tu, Matilde de amor
És tão bela, és uma «flor!» (bis)
E tu, Clara a nossa convidada
Regressa logo, não fiques acanhada

O que me satisfaz
Usar a touca na cabeça
Seguir as normas de higiene
Ficar com ar de condessa
E olho para a Lauren-ence
que só pensa em tirar férias
Mas estão queimadas
foram já todas gastas
Nós não suportamos
Clientes impertinentes
A Véro adorava
Partir-lhes todos os dentes-tes oh!

E tu, tu, meu grande Sebastião
Meu gato meu lobo dá-me um beijão
Quando soldas fazes-me flashar
Perco toda a segurança
E tu, minha bela Ingrid
Quando encaixas as tampas
E as enfias nas caixas
Dás-me um belo xeque-mate
E assim acontece na ESAT!



E SE...

Sandra Vanbremeersch com Éléanor, Amine, Foad, Maël, Obinna, Paul, Émelyne, Antonely e todas as crianças da primeira classe de Émilie Brassart (Agradecimentos a Mélinda, Frédéric e Ariane!)

CP André BERNARD Amiens

Tradução de Zé Lima

Ilustração de Tonton Ringo

- E se as cores tivessem um poder... e se o verde tivesse o poder de crescer, e se o cor-de-rosa tivesse o poder da alegria, e se o azul fosse o planeta do sonho... e se a minha pele tivesse cica-trizes e se eu pusesse lá plumas, ou pelos, ou qualquer coisa macia, ou se lá pusesse corações, diz-me, será que eu também tinha um super-poder?
- Sim, claro, continua a sonhar com o teu mundo ideal, eu sou a tua voz, tu és o meu ouvido, vamos escrever, crianças das brincadeiras, crianças de imaginários, esse mundo...
- Acabaram as árvores mortas e acabaram os desertos sombrios e tudo o que me faz medo, acabaram os monstros! E mesmo a morte acabou! Que o dia dure o dia inteiro, e que a noite se apague, acabaram as brincadeiras de horror, as brincadeiras cruéis, que fazem encolher o cérebro, que nos fazem ficar pequeninos, quando no fundo, nós, as crianças, somos tão grandes, grandes como as asas do pássaro de fogo, fortes como o tigre de dentes de sabre...
- Que o dia se pareça com aquele baloiço do parque onde eu giro e volto a girar para ver o mundo ao contrário; que os meus dentes de leite que caem anunciem dentes fortes que terei amanhã, e então, tu, luzinha na minha cabeça, que me dizes tu para me ajudares a crescer?
- Digo-te que é preciso ir para a cozinha e fazer uma grande sopa, de cores, de plumas e de alegria!
- De que precisamos para fazer isso?
- De uma máquina de escrever.
- Escrever o quê?
- Escrever o que cresce na tua cabeça...
- O que é que cresce na minha cabeça?
- Leituras furiosas! Como a zebra que usa a sua camuflagem, preto, branco, branco, preto, que campo vou eu escolher? Como o leão que é tão forte, caramba, como me respeitam! Como o coelho que sabe sempre como escolher um ninho aconchegado, ou o que deve fazer para lhe darem mimo. E, como o macaco, rir é importante, não acham? E depois disfarçar-se como o camaleão, que de um momento para o outro pode transformar-se em unicórnio, ou dragão, se estiver poisado numa nuvem de arco-íris...
- Ah, sim, sonho com esse planeta verde e cor-de-rosa e azul que me conta histórias dentro da minha cabeça...
- No fundo, talvez precisas também de ser uma raposinha, tão viva, tão desenrascada, um pequeno ser curioso, que se esgueira por entre as dobras do mundo, no teu planeta, criança...
- Ouve, desenha-me uma raposa...



NELAS, O MUNDO

Autoras (e sublinhamos o «as»!) Gaëlle Pingault, Khedidja, Caroline, R’Kia, Yamina, Rosicler, Oumou, Laurence

Association CARDAN

Tradução de Maria João Brilhante

Ilustração de Tonton Ringo

Nelas, existe todo um mundo
É vivo, colorido, musical
Dança-se e às vezes grita-se um pouco
Chora-se e ri-se ao mesmo tempo, eu acho
É sem dúvida uma bagunça
Mas o que seria da vida sem um pouco de
bagunça?

Entre elas, os olhares são francos e solidários

Nelas, existem países
O que elas habitam, os que elas já não habi-
tam,
Há outras línguas e as palavras daqui
Sonhos à espera, outros reescritos
Existe o antes, existe o agora
O que elas esperam para depois

Entre elas, circulam sorrisos com uma delica-
deza de primavera

Nelas, de facto, não há um mundo, mas sim
muitos
A maternidade, o trabalho, a vida de mulher
Geografias íntimas com meteorologia variá-
vel
cansaço, projectos, dúvidas e também fanta-
sia
E depois forças de guerreiras, porque são mu-
lheres
E porque não se deixam enganar pelo lugar
que lhes reservou a história

Se fosse preciso enobrecer a palavra «escuta»,
bastava vê-las a fazer

Fala-se de livros
Fala-se de ler
Fala-se sobre nada
Fala-se sobre tudo
Fala-se sobre nós

Nelas, no fundo, não existe um ou mais
mundos
Existe O mundo
Todas as suas vibrações
Todas as suas facetas
Todas as suas emoções
A sua beleza, por vezes cruel
A sua complexidade louca

Assim, para o atravessar sem se perderem,
Traçam-se nelas dia após dia
Poderosas imaginações
Permissão para sonhar
Possibilidades incertas
Doçura e leveza
Tudo o que elas calam e conservam no quente
Entre o coração, a carne e a alma
Tudo aquilo a que elas ignoram talvez aspira-
rem
Um universo inteiro

E abracadabra
Em breve sob os seus passos
De tudo isso nascerá
Uma alegria incansável



COMO ESTAREMOS DAQUI A 10 ANOS

Alessandro Campagnuolo e Linda Di Lieto com as alunas e os alunos da

I. I. S. Margherita Hack

Tradução de Luís Caminha

Alemanha. Berlim. Mandy, grávida do noivo, Logan, tem de frequentar um mestrado de especialização para avançar na carreira em medicina robótica e faz-se acompanhar do irmão Robert. É inevitável os jovens que procuram integrar-se procurarem novos horizontes quando não os encontram em casa. O céu sobre Berlim espera-os, estranhamente sereno. Asfalto seco, velocidade moderada, mas uma curva apertada, bum!! O carro voa pela ravina abaixo. Ilesos. Os investigadores descobrirão que o carro tinha sido sabotado. Os dados apontam para o noivo: tem um motivo, o ciúme obsessivo de Mandy. Apertado, confessa a tentativa de homicídio. Ela queria algo verdadeiro, ele não sabia o que procurava.

Moral da história? Verificar o carro antes de partir, sim, mas, acima de tudo, com quem se constrói o próprio futuro. Como seremos daqui a dez, vinte anos? Como construiremos a nós próprios e as nossas relações? Daqui a dez anos talvez não tenhamos uma vida perfeita, mas teremos certamente construído algo verdadeiro. Uma casa cheia de risos, discussões tolas, abraços depois dos dias difíceis e amor sincero. A família será o nosso porto seguro: jantares em conjunto, fotografias espalhadas pela mesa, música na cozinha e alguém à nossa espera em casa; e, mesmo que as coisas mudem com o tempo, continuaremos sempre a olhar-nos com os olhos de hoje.

NÃO NOS CHAMEM DETIDOS

Bruno De Filippis e Anna Maria Aurucci

Grupo ICATT (Instituto de Custódia Atenuada para o Tratamento das Toxicodependências)

Tradução de Luís Caminha

Ilustração de Tonton Ringo

Não nos chamem detidos. Não digam que somos «vozes por trás das grades» ou coisas assim. Somos um grupo de jovens que cometeram erros e agora vivem juntos.

Não é fácil a convivência forçada. A vida na prisão não é normal; somos seis ou sete numa cela, cada um a puxar para o seu lado, cada um com alguma coisa para dizer. Não existe privacidade. O lado positivo é que aprendemos a compreender os momentos difíceis da outra pessoa e a ser tolerantes. A prisão é uma escola de vida.

Não é fácil renunciar à liberdade, a todas as pequenas e grandes coisas que ela permite. Não é fácil estarmos longe do nosso mundo, da nossa família, dos nossos amores, e ver que tudo continua lá fora, mesmo sem nós; e que, quando alguma coisa corre mal, não podemos intervir, não podemos fazer nada.

Mas quando estamos «dentro» temos muito tempo para refletir, para cultivar pensamentos.

Já compreendemos que não podemos ter tudo, mas podemos ser aquilo que queremos; basta acreditar e nunca desistir.

Já compreendemos que a vida é bela. Apercebemo-nos tarde de como ela é maravilhosa.

Já compreendemos a importância do grupo, da ajuda dos outros. O Eu anda na companhia da maldade: ali, uma pessoa só pensa em si mesma. O Nós, pelo contrário, tem uma força que ninguém consegue deter.

Já compreendemos que, antes de fazer uma coisa, precisamos de pensar nela pelo menos dez vezes, para não termos depois de nos arrepender.

E se, por exemplo, uma rapariga não nos quer, temos de fazer um belo sorriso e procurar outra, que talvez venha a ser melhor.

Gostaríamos de evitar o remorso que sentimos. De dizer aos nossos filhos que evitem os mesmos erros que nós.

Gostaríamos que os outros, as pessoas, não nos julgassem, não tivessem preconceitos. Não somos reclusos para depois sermos ex-reclusos: somos rapazes que amam a vida e que querem olhar em frente.



SEM TÍTULO

Arturo Panaccione, Anna Maria Aurucci, Maria Elena Milito, Stefania Rainone com Grupo Imigrantes

Tradução de Federica Fiasca

Ilustração de André Zetlaoui

A terra molhada pela chuva, o canto da reza, o rosto da minha mãe, o sabor doce e salgado da pastilla, a ilha de Flores, dançar e sorrir; e depois a viagem, o mar azul, a magia da tartaruga, a sacola a um canto, a fome, o assobio do avião a levantar voo e o destino que parece nunca mais chegar.

Assim que ponho um pé em Itália, uma mulher sorri para mim, mas um velho olha-me com má cara. Sinto o abraço quente do meu irmão. Estou encolhida debaixo do cobertor e um polícia assusta-me.

Um rapaz sem nome aperta-me a mão. Penso que, como o meu pai costuma dizer, amanhã será diferente; afinal todos os dias são diferentes.

Como os italianos gesticulam com aqueles dialectos que não percebemos!

E nada de ketchup na pizza? E os queijos com bolor? Mas o café é bom, e o babá ainda é melhor. Revejo o meu filho, abraço-o e falamos até ao amanhecer. Depois o encontro, o acolhimento gentil dos voluntários: no final celebramos todos com uma pizza *margherita*, daquelas com a mozzarella bem derretida.

Na lâmpada dos desejos queria que aparecesse a minha mãe, que o seu gênio da lâmpada me quisesse oferecer uma casa ou muito dinheiro, não diria que não!

Gosto de falar convosco, mesmo que façam perguntas esquisitas.

Afinal, há tantas outras palavras incompreensíveis que não conseguimos traduzir, como «hafia», que cheira bem, ou «patrann», quando já não se aguenta mais.

Se tivesse de escrever uma mensagem numa garrafa, incluiria alguns palavrões, mas também uma oração pelos companheiros perdidos no mar. Terminaria com as palavras da minha avó: «Terás sorte, poderás fazer o que quiseres».

Mas o que é que acontece? Vejo a minha casa de infância, a minha irmã, chamo por ela, quero vê-la a rir. Ela diz-me que nunca paro com as brincadeiras tolas e abraçamo-nos.

Voltaremos a abraçar-nos, quando a vir a descer daquele avião, branco e luminoso, como a lua nas noites de verão.



LER E ESCREVER JUNTOS PARA VIAJAR EM LIBERDADE

Anna Rago e Annalisa Alfarano

Escola Secundária de 1º Ciclo de Baronissi IC “Autonomia 82” na Livraria Ciccipellliccia

Tradução de Serena Cacchioli

LER JUNTOS PÕE ASAS
SOMOS PAPAGAIOS LIVRES PARA VOAR

AS PALAVRAS ESCRITAS E LIDAS JUNTOS
SÃO PAPAGAIOS EM LIBERDADE
DIFUNDEM PAZ HARMONIA VITALIDADE

JUNTOS, ESCREVENDO E LENDO
ATIVAMOS O CORAÇÃO E A MENTE



Imagino a respiração com alegria e amor para libertar a mente e o coração.

O coração fica sereno, eleva-se livre no céu
como um papagaio com as cores do arco-íris.

Inspiro e expiro para reencontrar força e coragem.

Quando tenho medo, respiro devagar
sorrio, fecho os olhos.

Quando estou triste, recupero o fôlego e começa a viagem.

Quando estou zangado, inspiro e expiro,
escrevo palavras de gentileza,
escuto com consciência,

envio paz ao mundo inteiro para vivermos juntos e unidos.

O corpo e a mente vibram leves.

A Leitura Furiosa destina-se aos que, sabendo ler, estão zangados com a leitura. É um acontecimento especial que se realiza anualmente há vários anos em Lisboa e, ao mesmo tempo, noutras cidades. Para a Associação Cardan, de Amiens, que imaginou a Leitura Furiosa há mais de 30 anos e a trouxe até Lisboa, e para a Casa da Achada, o saber deve ser acessível àqueles que normalmente dele são excluídos. O saber e a cultura devem nascer de uma ligação com o conjunto da sociedade e a cultura pode e deve ser analisada por aqueles que habitualmente pouco se ocupam dela. Por aí passa uma outra integração na sociedade daqueles que vivem com mais dificuldades e problemas vários que os afastam dessa cultura. Que pode ser menos aborrecida do que às vezes parece.

A Leitura Furiosa dura três dias. É um momento especial: quem é (ou que a vida tornou) zangado com a leitura e a escrita (e até o mundo) encontra-se com escritores! É um momento único que permite a um não-leitor aproximar-se da magia da escrita, por intermédio de uma pessoa que escreve literatura. Cada um faz ouvir a sua voz e até pode seguir depois um novo caminho, ao descobrir pessoas, coisas, frases, palavras que têm a ver com a sua vida e podem fazer pensar. Em si e nos outros.

Alguns pequenos grupos de gente zangada com a leitura (entre 4 e 6 pessoas) convivem durante um dia (sexta-feira 22 de Maio) com um escritor. Podem até almoçar juntos e continuar a conversar. À noite, o escritor escreverá em casa um pequeno texto, a partir do encontro que viveu, que oferecerá ao grupo com quem esteve, quando, no dia seguinte (sábado 23 de Maio), voltarem a encontrar-se, desta vez na Casa da Achada. Lê-se o texto, fala-se do texto, muda-se o texto. E os textos dos vários grupos são ilustrados por desenhadores convidados, à vista de toda a gente. Depois do almoço, em que zangados com a leitura, escritores e ilustradores se reúnem, todos assistem ao espectáculo Biblioteca Extravagante, de F. Pedro Oliveira, numa casa de muitos livros, a Casa da Achada – Centro Mário Dionísio.

No domingo (24 de Maio, às 15h30), os textos são tornados públicos. Não só os de Lisboa, como os do Porto, Covilhã, França e Itália, estes últimos traduzidos para português. Os textos serão lidos por actores, alguns deles musicados e cantados por músicos convidados. Será distribuída uma brochura ilustrada, com os textos escritos nas várias cidades, onde cada um, de uma maneira ou de outra, estará: mesmo quem está zangado com a leitura pode entrar, querendo ou não querendo, na literatura que os leitores costumam ler e que os zangados com ela poderão ler também.

E mais tarde nascerá disto tudo um livro, de dezenas de grupos, de escritores e ilustradores, que às mesmas horas falaram, ouviram, contaram, perguntaram, responderam, leram, desenharam, em várias partes do país e do mundo. Coisas iguais e coisas diferentes.

Este ano, em Lisboa, a partir de encontros com pessoas da Associação de Moradores do Condado, Casa Seis – Associação para o Desenvolvimento Comunitário, Chapitô, Conselho Português para os Refugiados, Moinho da Juventude. Escrevem Jacinto Lucas Pires, Joana Bértholo, Margarida Ferra, Nuno Milagre e Paulo Faria. Ilustram Cataestrófica, Dedo Mau, Emma Andreetti, Margarida Botelho e Pierre Pratt. Lêem Ângela Pinto, Inês Nogueira, José Manuel Mendes, Pedro Lacerda e Teresa Faria. E musicam Pedro & Diana.